



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO**

Iohanna Sanches Grammatikopoulos

**CONTROLE BIOPOLÍTICO DE CORPO EM *O CONTO DA AIA*:
A Ciência Ficção e o Agenciamento de Significados**

**Rio de Janeiro
2019**

Iohanna Sanches Grammatikopoulos

**CONTROLE BIOPOLÍTICO DE CORPO EM *O CONTO DA AIA*:
A Ciência Ficção e o Agenciamento de Significados**

Monografia de graduação apresentada à Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação em Produção Editorial.

Orientador: Prof. Diego Paleólogo Assunção

Rio de Janeiro

2019

S211c Sanches Grammatikopoulos, Iohanna

Controle biopolítico de corpo em *o conto da aia*: a ciência ficção e o agenciamento de significados. / Iohanna Sanches Grammatikopoulos. – Rio de Janeiro, 2019.
68 f.

Orientador: Diego Paleólogo Assunção Assunção.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola da Comunicação, Bacharel em Comunicação Social: Produção Editorial, 2019.

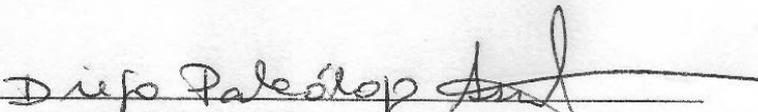
1. Desterritorialização. 2. Controle. 3. Distopia. 4. Corpo.
5. O Conto da Aia I. Assunção, Diego Paleólogo, orient. II. Título.

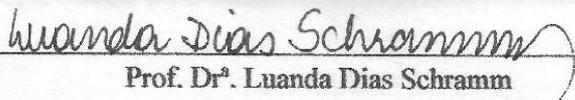
Controle biopolítico de corpo em *O conto da aia*: a ciência ficção e o agenciamento de significados

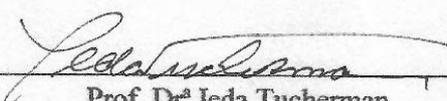
Iohanna Sanches Grammatikopoulos

Trabalho apresentado à Coordenação de Projetos Experimentais da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação em Produção Editorial.

Aprovado por


Prof. Dr. Diego Paleólogo Assunção (orientador)


Prof. Dr^a. Luanda Dias Schramm


Prof. Dr^a Ieda Tucherman

Aprovada em: 03/07/2019

Grau: 9

Rio de Janeiro/RJ
2019

Ao meu avô, o primeiro professor que conheci.

AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente ao meu orientador, Diego, que me acompanha desde a disciplina Projeto I. Sem você esse trabalho não seria o que é. A partir de nossas conversas, ideias e devaneios pude enxergar nuances, perspectivas e caminhos que antes me era impossível sequer imaginar. Obrigada pelas trocas, pelo aprendizado e, acima de tudo, por ter marcado de forma tão bonita todas as fases desse longo processo. Você me mostrou um novo caminho dentro da academia e me ajudou a construir um trabalho que faz sentido para tudo que eu sou e acredito.

À minha família por todo apoio dado até aqui, e também pelo suporte que desde já me dão na nova fase que virá. Sem vocês nada disso seria possível. Devo parte de quem sou àqueles que vieram antes de mim e que de forma tão especial me fizeram perceber e enxergar meu lugar no mundo. Vocês são parte essencial de todo esse caminho. Ao meu avô, tio e mãe, meus professores de vida e exemplos, que sempre acreditaram no potencial transformador da educação e me ensinaram seu valor. Vocês me inspiram e estimulam a buscar evolução e crescimento em todos os aspectos da minha vida, dentro e fora da academia.

Obrigada especialmente aos amigos que a UFRJ me trouxe e que fizeram esse caminhar mais leve e especial, é uma honra e privilégio imenso ter tido a oportunidade de aprender tanto com pessoas tão incríveis. Aos amigos que trago ao meu lado de longos anos de vida, em especial à Isabela, Bruna, João e Renato, e a tantos outros que por aqui passaram e ficaram, que sempre estiveram comigo em todos os momentos importantes e tantas vezes me ajudaram a seguir. Obrigada pelas memórias, aprendizados e sonhos compartilhados. Vocês me engrandecem.

RESUMO

Este trabalho é uma análise da representação do corpo feminino e de seu controle na obra *O Conto da Aia*, a partir da qual se produzem reflexões sobre as significações possíveis criadas por meio da ciência ficção. Inicia-se com contextualização e genealogia da ciência ficção e seu papel para produção de sentidos, desnaturalização de estruturas materiais postas no real e desterritorialização de sujeitos. *O conto da Aia* será analisado por uma perspectiva bio e necropolítica, a partir da qual são agenciados sentidos que possibilitam refletir sobre a representação das estruturas sociais e desnaturalizar suas significações. Argumenta-se que a partir do recurso da ciência ficção é possível produzir agenciamentos que desnaturalizam estruturas de poder do real que estão representadas na narrativa.

Palavras-Chaves: Desterritorialização, Controle, Distopia, Corpo, O Conto da Aia.

ABSTRACT

This work is an analysis of the female body representation and its control in the book *The handmaid's tale*, followed by a discussion on the significance that can be created through science fiction. It begins with science fiction's conceptualization and genealogy and its relevance for the production of meanings, denaturalization of material structures and deterritorialization of individuals. *The handmaid's tale* analysis is based on the bio and necropolitics perspective, whose agency allows a discussion about the social structures and the possibility of denaturalize its significances. The purpose of this work is to discuss how science fiction, as a resource, allows agencies that denaturalize real world's power structures represented in the narrative.

Keywords: Deterritorialization, Control, Dystopia, Body, *The handmaid's Tale*

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
1.1	Fundamentação Teórica	12
2	A CIÊNCIA FICÇÃO E A REPRESENTAÇÃO DO REAL	14
2.1	Cognição e Estranhamento: O Agenciamento de Significados	14
2.2	A Utopia/Distopia na Ciência Ficção	19
2.3	Criação do Indivíduo: Desterritorialização do Sujeito Marginal e a Relação do Corpo Com o Controle	Erro! Indicador não definido.
3	<i>O CONTO DA AIA</i>: APLICAÇÃO DA BIOPOLÍTICA E DO PANÓPTICO FOUCAULTIANO PARA O DISCIPLINAMENTO DO CORPO	29
3.1	Organização de Gilead, Mecanismos de Controle e Estruturas Políticas	30
3.1.1	Hierarquia de Classes de Mulheres em <i>O Conto da Aia</i>	36
3.2	Disciplinamento do Corpo, Sexo e Sexualidade	38
4	A ATUAÇÃO POLÍTICA DOS CORPOS CONTROLADOS E AGENCIAMENTOS DE SIGNIFICADOS:RETOMADA DO CORPO E PRÁTICAS DE RESISTÊNCIA	47
4.1	Nolite te Bastardes Carborundorum e o Convite à Resistência	51
4.2	Resistência Organizada e Retomada do Corpo	53
4.2.1	Suicídio	59
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	62
	REFERÊNCIAS	68

1 INTRODUÇÃO

Ao contrário do que argumentam os apocalípticos do mercado editorial e das diversas áreas de estudos de comunicação, o livro não vai desaparecer ou se tornar objeto obsoleto desconhecido pelo imaginário popular futuro. Esse é o ponto principal de “Não contem com o fim do livro”, 2010, uma obra composta pela entrevista entre Umberto Eco e Jean-Claude Carrière mediada pelo jornalista Jean-Philippe de Tonnac. O primeiro produto do capitalismo (pré) industrial e da indústria cultural precisa ser estudado sob os mais diversos ângulos e a produção de conhecimento na área da produção editorial é importante. O livro é uma tecnologia plural de produção de sentido e subjetividade por meio da qual é possível pensar questões contemporâneas e sociais, como as referentes à luta de classe, gênero, corpo e à sexualidade, conforme proposto neste trabalho. São temas importantes de serem discutidos, pois não só formam as estruturas de poder da sociedade, mas também compõem a subjetividade dos corpos nela inscritos, cuja discussão se faz urgente levando em consideração o contexto sócio-político contemporâneo.

Este trabalho surgiu da vontade de estudar a importância da literatura, especialmente da *sciencefiction*(*sci-fi*), para a produção de agenciamentos de significados sobre a realidade. Inicialmente pretendia-se fazer uma genealogia das obras de ficção científica e distopia dos séculos XX e XXI e sua análise, no entanto, tal recorte seria demasiado extenso para os moldes de um trabalho de conclusão de curso de graduação e, por isso, foi feita a escolha de trabalhar exclusivamente com uma análise biopolítica do livro “O Conto da Aia”, 2017, de Margaret Atwood.

A escolha pelo livro será explicada mais a frente ao abordarmos o contexto de lançamento da série homônima em 2017 e sua repercussão entre o movimento feminista mundial. Além disso, compreendendo o *sci-fi* como um gênero literário predominantemente masculino, especialmente até a segunda metade do século XX – contexto de publicação do livro – estudar a representação feminina e, mais ainda, a produção literária de mulheres, se faz urgente dentro do campo da comunicação.

Por isso, proponho uma reflexão a respeito da representação da realidade da mulher na obra como forma de desterritorialização desses corpos, que são comumente localizados à margem, como o Outro do homem, e dos agenciamentos possíveis a partir da narrativa, não apenas sobre o local ocupado pela mulher na literatura – tanto enquanto autora quanto como personagem – mas também sobre sua realidade material, as significações dadas às opressões e ao controle do corpo e da sexualidade feminina.

O objetivo deste trabalho é analisar “O Conto da Aia” utilizando a ciência ficção para debater a representação do disciplinamento de corpos femininos no livro. O controle do corpo feminino é essencial para a manutenção das estruturas sociais dentro do universo ficcional da narrativa e por meio de sua análise é possível não só perceber como tais estruturas existem, mas também como os poderes atuam para mantê-las.

O corpo será abordado como espaço de disputa de poder e local em que atuam as opressões de gênero/sexo e sexualidade. Seu disciplinamento e a forma como os dispositivos de poder atuam sobre ele também são recursos narrativos usados para produzir o efeito de estranhamento e cognição que, dentro da narrativa, permitem agenciamentos de significados e reflexões sobre o real.

A partir de uma perspectiva da ciência ficção¹ enquanto recurso que permite produção de significados e agenciamentos diversos a respeito de determinado tema, pretende-se estudar a representação do corpo da mulher e sua sexualidade. No livro, eles são apresentados como aspectos que devem ser controlados e tutelados por terceiros e, para isso, conseqüentemente há um papel social imposto que deve ser desempenhado. Além disso, por meio da reflexão sobre os agenciamentos produzidos é possível compreender a relevância do controle para o Estado que o exerce, e para a classe que dele se beneficia, uma vez que o corpo feminino, quando não controlado, representa uma ameaça ao poder e, também por meio da análise dos agenciamentos, pode-se pensar de que forma a realidade expressa no livro dialoga com a realidade material feminina.

A metodologia utilizada para realizar esse trabalho foi análise da representação da mulher na obra, que interliga corpo, sexo, gênero e sexualidade às esferas do poder e a produção de reflexões sobre o sentido dos agenciamentos que derivam da leitura – ou das leituras – da obra, atrelado à revisão bibliográfica dos autores escolhidos, visando pensar os conceitos aplicados a obra estudada.

“O Conto da Aia” foi publicado originalmente em 1985 e aborda o corpo feminino e a sexualidade como uma ameaça à ordem e ao poder patriarcal totalitário instituído naquela sociedade e, paralelo a isso, o controle, exercido por dispositivos do Estado, ou representado por figuras autocráticas. O exercício do poder na narrativa é a maneira de garantir unidade das estruturas do regime e será analisado por um viés biopolítico sob ótica do controle. Dito isso, serão analisados a narrativa e os recursos por ela utilizados para a construção da representação

¹ O termo “ciência ficção” será conceitualizado no próximo capítulo.

do corpo e da produção de subjetividade femininas enquanto agente de transformações sociais e os agenciamentos possíveis que derivam de sua análise.

No próximo capítulo, será feita uma genealogia do *sci-fi* enquanto gênero literário e também a conceitualização da ciência ficção, que será o conceito base para as reflexões desenvolvidas neste trabalho. Tendo em vista a importância do estudo do tema para a produção científica no campo da comunicação, é importante ressaltar as contribuições de Margaret Atwood e da publicação original, inseridos em seu contexto histórico, para produção de estudos feministas.

Escrito nos anos 1980, “O Conto da Aia” se insere em um contexto político mundial de governos marcados pelo neoliberalismo e pelo conservadorismo cristão, como era o caso dos Estados Unidos, na época, sob mandato presidencial de Ronald Reagan. A segunda metade do século XX foi marcada pelo aumento de reivindicações de direito civis por diversas parcelas da população, como as duas ondas do feminismo e suas vertentes, a luta antirracista e o *blackfeminism* como diálogo entre ambos e crítica ao feminismo hegemônico branco e racista, e o movimento LGBT. Nesse sentido, o livro foi importante para a produção de reflexões e agenciamentos sobre a realidade feminina durante do período, principalmente considerando-se que, apesar da autora canadense, o cenário da narrativa é os EUA após um golpe de Estado teocrático e ultraconservador.

Apesar da efervescência política dos anos 1980 é preciso fazer uma ressalva em relação às reflexões produzidas pela obra: elas se limitam às questões de gênero e sexualidade feminina, abordando a luta LGBT de maneira periférica – apenas para deixar claro que esses indivíduos eram criminalizados e punidos na sociedade retratada na narrativa – e negligenciando a luta antirracista e de classe. Isso será abordado no próximo capítulo, no qual será pautada a falha em desterritorializar o local ocupado por corpos racializados no real. Ainda que o livro seja importante para produzir significados sobre corpo biológico feminino, sem a contextualização de raça, reforça a universalização do sujeito enquanto branco e não permite o agenciamento sobre a materialidade do corpo feminino racializado, cujas questões em relação ao corpo, sexo e sexualidade são atravessadas pelo racismo estrutural.

Reitero, portanto, a importância do livro nos estudos de gênero e sexualidade e sua função de desnaturalizar relações de poder existentes na realidade e desterritorializar sujeitos femininos, produzindo agenciamentos, cuja reflexão é a base deste trabalho. Porém, é essencial pautar as problemáticas raciais que atravessam a obra, para que não se naturalize a universalização do corpo como branco ou das pautas sobre sexo e sexualidade como discussões descoladas da estrutura racista.

Apesar de publicado em 1985, o livro foi adaptado para série televisiva homônima em 2017 pelo canal Hulu, mostrando que as discussões produzidas a partir do contato com a obra se mantêm similares, mais de trinta anos após a publicação original. Dessa forma, o resgate da narrativa do livro e a retomada de temas abordados nele evidenciam a importância de “O Conto da Aia” para a produção de significações sobre o corpo e sexualidade feminina e, por isso, foi escolhido como objeto de análise. Em um contexto político similar ao de 1985, a série estreou após a eleição de Donald Trump, atual presidente dos Estados Unidos cuja gestão é marcada pelo ódio às minorias raciais e sexuais, embate com o movimento feminista e antirracista contemporâneo. Nesse contexto, a obra suscitou debates sobre as consequências do governo Trump para a luta das minorias e os possíveis retrocessos.

Um exemplo da relação entre a eleição e a literatura é o aumento do número de vendas do romance distópico “1984”, escrito por George Orwell e publicado em 1949, que aborda a vida de indivíduos dentro de um regime totalitário. Em janeiro de 2017, primeiro mês de mandato do Donald Trump, “1984” voltou a ser um *best-seller* nos Estados Unidos, de acordo com dados de venda da Amazon², o que mostra a importância da ciência ficção para produção de agenciamentos sobre a realidade – e a procura do público por esse tipo de narrativa.

Nesse sentido, a escolha da obra analisada se faz importante não apenas por ser parte da produção literária feminina dos anos 1980, mas também por ser um exemplo prático do que será conceitualizado sobre a importância da ciência ficção para agenciamentos de significados do real e desterritorialização de ideias e sujeitos, uma vez que a partir do lançamento da série e da retomada da leitura do livro, percebe-se o surgimento de debates públicos envolvendo os agenciamentos produzidos pela obra.

²FREYTAS-TAMURA, Kimico de. George Orwell’s ‘1984’ is suddenly a best-seller. The New York Times, Nova York, 25 jan. 2017. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2017/01/25/books/1984-george-orwell-donald-trump.html>>. Acesso em: 04 jun. 2019.

1.1 Fundamentação Teórica

O trabalho será dividido em duas partes: na primeira, abordada no próximo capítulo, será feita uma genealogia do *sci-fi*, a partir da qual será apresentado o conceito ciência ficção, utilizando os artigos “A Ciência Ficção Que Nos Olha e a Dialética Entre Cognição e Estranhamento”, 2017^e “Lesdroides, Transborgues, Inter aliens: Personagens Científico-Ficcionalis Além das Fembots”, 2015, ambos da pesquisadora Luana Barossi³, para pensar o conceito e também a produção de agenciamentos e desterritorialização de significados. Além dos artigos de Barossi, essenciais para a compreensão dos conceitos apresentados, a genealogia do *sci-fi* também terá como base as obras “Science Fiction: It’s Criticism and Teaching”, 1980, de Patrick Parrinder e “Metamorphoses of Science Fiction: On the Poetics and History of Literary Genre”, 1979, de Darko Suvin, ambos autores importantes para pensar o *sci-fi*, os quais Barossi retoma em seus artigos e utiliza para fundamentação de sua própria teoria.

Além disso, também será feita uma breve genealogia da distopia pensando, paralelamente, o conceito de utopia, passando por suas diversas definições e aplicações, até a definição usada de distopia enquanto gênero literário. Para isso, serão utilizados os artigos “Um Breve Tratado Sobre a Distopia 2001”, 2015, de Darko Suvin e “Utopias, Distopias e o Jogo da Criação de Mundos”, 2017, de Andityas Matos. A conceitualização de distopia é importante devido a sua localização dentro do *sci-fi*, enquanto gênero que se utiliza da ciência ficção para produção de narrativas, e também por ser o gênero no qual mais comumente se enquadra o “O Conto da Aia”.

A segunda parte do trabalho, constituída pelos demais capítulos, consiste na análise do objeto propriamente, no caso o livro “O Conto da Aia”. Os conceitos de vigilância, biopolítica e dispositivos de poder definidos por Michel Foucault em suas obras “Vigiar e Punir”, 1987, “Microfísica do Poder”, 1979 e “História da Sexualidade I: a Vontade de Saber”, 1999, irão compor a base teórica para a análise da representação do corpo, sexo e sexualidade feminina e seu controle pelo Estado para manutenção das estruturas.

A partir do pensamento de Foucault, será também utilizado o artigo “Necropolítica: Biopoder, Soberania, Estado de Exceção, Política de Morte”, 2016, de Achille Mbembe, para pensar as práticas de morte às quais determinados corpos femininos são submetidos e o livro “Calibã e a Bruxa: Mulheres, Corpo e Acumulação Primitiva”, 2017, de Silvia Federici, a partir

³Luana Barossi é Doutora em Letras – Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP). Atualmente é pós-doutoranda e professora convidada de Teoria Literária da pós-graduação em Língua Portuguesa e Literatura da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

do qual é possível pensar a relação do Estado e corpo feminino por uma perspectiva histórica, especialmente enquanto instrumento para produção de trabalho. Por meio da análise biopolítica do corpo feminino na obra, de seu controle e papel como ferramenta para produção de trabalho reprodutivo e sexual poderá ser feita a reflexão sobre os agenciamentos de significados propostos.

2 A CIÊNCIA FICÇÃO E A REPRESENTAÇÃO DO REAL

“Reflexões utópicas, dentro e fora da ficção, agora têm que se encarregar de aberturas que conduzam à diligência: ação.”

Darko Suvin)

A ciência ficção – bem como a literatura de maneira geral – é um instrumento comunicacional que permite uma ponte entre a realidade material e o imaginário e entender seu papel, enquanto recurso narrativo, é essencial para compreender o poder da literatura como mecanismo de reflexão sobre a realidade material. A sociedade capitalista contemporânea é formada por uma rede de relações materiais interconectadas que são essenciais para manter a coesão do sistema e estão ancoradas em dispositivos de poder e controle que exercem sua força sobre os corpos e mentes dos indivíduos, por meio do poder coercitivo ou simbólico. O regime de verdade desempenha, nesse sentido, papel importante de orientação da ação individual para manutenção da estrutura coletiva de poder por meio da ideologia.

Proponho uma abordagem da ciência ficção como instrumento de reflexão do real, por meio dos agenciamentos criados a partir da narrativa. O clichê, repetido à exaustão, que define literatura como meio de conhecer realidades distintas também se aplica aqui: a literatura como instrumento para refletir sobre o real e pensar suas relações materiais, que são naturalizadas, o lugar designado aos sujeitos de cada classe e o papel das relações de poder para a manutenção do sistema capitalista e do patriarcado.

A ciência ficção não é, portanto, apenas um gênero literário ou recurso poético e narrativo; é um instrumento que espelha a realidade e permite compreendê-la sob perspectivas críticas. Ela produz e agencia sentidos e significações que permitem desterritorializar corpos e posicionar como sujeitos indivíduos que socialmente se localizam à margem do poder; desnaturalizar relações materiais e violências cometidas contra esses corpos e imaginar outras realidades possíveis a partir dos sentidos agenciados pelas narrativas.

2.1 Cognição e Estranhamento: O Agenciamento de Significados

A partir da segunda metade do século XX, o termo *sciencefiction* começou a ser utilizado para definir obras como romances e novelas. Patrick Parrinder (1980), no entanto, argumenta que um século antes, em 1851, William Wilson já utilizava o termo e o definia em seu texto “A Little Earnest Book Upon a Great Old Subject”. O termo foi traduzido para o português e é popularmente usado para designar o gênero literário ficção científica. Apesar

disso, este trabalho utilizará o termo ciência ficção (CF) e uma definição diferente para ele, conforme proposto por Barossi (2017), deslocando-o de seu lugar de gênero literário para uma definição mais ampla na qual a ciência ficção se mostra imprescindível para qualquer produção ficcional.

A escolha do uso do termo “ciência ficção”, em detrimento de ficção científica, traduzida do inglês *science fiction* (SF) e consagrada como nomenclatura na língua portuguesa se justifica por uma análise da própria tradução, que altera a morfologia das palavras. Evitamos a utilização de estrangeirismos nos casos em que há tradução em língua portuguesa, logo, o termo ciência ficção, proposto por Barossi (2017), se adequa melhor que o próprio termo original em inglês.

Science fiction é um termo formado por dois substantivos, enquanto sua tradução no português é formada por um substantivo (ficção) e um adjetivo (científica). De acordo com Barossi (2017), a transformação do substantivo “ciência” no adjetivo “científica” “é responsável por um esvaziamento da potência do termo *science fiction*”. A tradução para ciência ficção, portanto, é uma maneira de aproximar termo do inglês e, por consequência, preservar seu significado original.

Ainda de acordo com o pensamento de Barossi (2017), a ciência ficção será abordada para além de seu status usual de gênero literário. Enquanto gênero – ou subgênero da literatura fantástica, como argumentam alguns autores – a chamada ficção científica é associada a uma produção literária que se utiliza da produção científica: robôs; ideia de vida extraterrestre; viagem no espaço tempo. O referencial científico pode ter base na realidade material, como no caso de narrativas tecnocientíficas com robôs, se localizar mais próximo da fantasia, ou ainda abordar futuros distópicos, remetendo a especulação política, social ou científica. Barossi (2017) classifica essa definição como plana, uma vez que aborda temas gerais, cenários, ou estereótipos de personagens, mas negligencia uma conceituação aprofundada.

Darko Suvin (1979) propõe duas condições para classificação do *sci-fi*: o estranhamento e a cognição dentro de um quadro imaginativo diferente da realidade do autor, a qual Barossi utiliza para pensar a ciência ficção juntamente com a noção de CF como poética, de Seo-young Chu (2010 *apud* BAROSSO, 2017), segundo a qual a ciência ficção é “a possibilidade de representação dos referentes que não são passíveis de serem ficcionalizados por meio da representação mundana ou realista” (BAROSSO, 2017, p. 74), sendo, portanto, a ciência ficção essencial para a prática mimética. Seo-young, Chu (2010) caracteriza essa representação como um processo que essencialmente envolve semelhança entre o referente e sua representação, referentes que ela chama de “cognitivamente estranhos”, que variam em níveis de cognição,

podendo ser objetos mais cognoscíveis (como uma caneta) ou menos (como especulações sobre o futuro ou a vida após a morte), diante dos quais ocorre o estranhamento.

Barossi (2017) também se apropria da definição proposta por Carl Freedman (2000), segundo a qual a dialética entre cognição e estranhamento seria determinante para a ciência ficção e se daria como um questionamento do que está posto no mundo real, mas é questionado no universo ficcional. Partindo da teoria crítica, Freedman (2000 *apud* BAROSSO, 2017) define o que chama de “operação cognitiva”, o que permite a racionalização do mundo imaginário por meio da CF e, paralelamente, sua relação com o mundo “real”. Dessa forma, é proposto uma gradação entre cognição e estranhamento dentro das narrativas, que ele chama de tendência ficção, segundo a qual a ficção realista teria mais aspectos de cognição, ao passo que a ficção fantástica penderia para o estranhamento.

Pode-se argumentar que esta tendência é a condição prévia para a constituição da ficcionalidade – e mesmo da representação – em si. Pois a constituição de um mundo alternativo é a própria definição de ficção: devido ao caráter de representação como um processo não-transparente que envolve necessariamente não somente semelhança, mas diferença entre a representação e o “referente” dela, um grau irredutível de alteridade e estranhamento certamente ocorre mesmo no caso da ficção mais “realista” que se possa imaginar. (FREEDMAN, 2000 *apud* BAROSSO, 2017, p. 77).

Seo-young, Chu (2010) se articula com o conceito apresentado por Freedman (2000), mas afirma que a ciência ficção não se localiza em nenhum dos dois polos dessa gradação, mas sim em uma zona central composta tanto por elementos cognoscíveis quanto incognoscíveis. Dessa forma, o que a ciência ficção realiza é a tarefa de transformar os referentes estranhos à cognição em referentes compreensíveis e representáveis.

Barossi (2017) localiza, portanto, a ciência ficção não como um gênero ou subgênero, mas como uma condição para a representação propriamente e, como tal, parte de toda narrativa, ainda que em níveis variados, uma vez que “toda realidade” é também estranhamente cognitiva em algum “grau”. O *sci-fi* é um modo de ciência ficção cuja compreensão requer mais engajamento, pois seus referentes são cognitivamente estranhos em nível representacional. Para Seo-young, Chu (2010 *apud* BAROSSO, 2017), o que torna os referentes cognoscíveis em uma determinada época pode, no entanto, torna-los incognoscíveis em outras, dependendo diretamente do aparo formal e do contexto no qual se insere, podendo ou não provocar estranhamento.

Barossi (2017) amplia a teoria de Seo-young, Chu (2010) ao pontuar que além da diferença contextual de época, há ainda diferença cultural por meio de um deslocamento espacial dentro de um mesmo período histórico. Um objeto que provoca estranhamento dentro de determinada cultura pode se tornar cognoscível quando deslocado para outra, ainda que

ambas estejam localizadas temporalmente no mesmo contexto histórico, ou até mesmo variar dentro de um mesmo regime de verdade, de acordo com o agenciamento de cada leitor dentro de tal regime.

Partindo da teoria de Seo-young Chu (2010), Barossi propõe uma modificação na definição das extremidades:

Uma das extremidades diz respeito majoritariamente aos objetos concretos ou que fazem parte de um regime de verdade ou dispositivo de saber estabelecido em dada cultura como real. Na outra extremidade do espectro, qualquer referente que escape à perspectiva dos regimes de verdade de determinada cultura, ou melhor, que não faça parte do grupo de elementos tidos como reais para determinada comunidade. (BAROSSO, 2017, p. 80).

A partir dessa reformulação ela define o que chama de paralaxe de estranhamento; a diferença entre o que é cognoscível e incognoscível dentro de cada cultura, ou seja, cada regime de verdade, podendo ser diacrônica ou sincrônica a depender do tipo de variação sofrida. O primeiro diz respeito ao estranhamento variando de acordo com o contexto do corpo leitor e narrativo, enquanto no segundo, as variações do estranhamento ocorrem relativas às culturas. A paralaxe sincrônica diz respeito a níveis diferentes de estranhamento que diferentes leitores sofreriam ao entrar em contato com uma mesma narrativa, esse processo ocorre em função dos regimes de verdade serem variantes até mesmo dentro de uma mesma cultura, de acordo com a localização do leitor dentro da estrutura daquela cultura e sociedade.

O objeto de análise deste trabalho, “O conto da aia”, é um exemplo disso na medida em que o nível de cognição e estranhamento sentido por mulheres durante a leitura é diferente daquele sentido por homens. Isso se dá pelo fato de que muitas das violências cometidas contra mulheres na história, ainda que narradas como uma exacerbação das condições existentes no real, não são incomuns no mundo material, como controle da sexualidade e estupro.

Considerando-se que a leitura dos referentes da obra perpassa a realidade do leitor, é possível apreender diversas leituras de uma mesma obra, e significações para um mesmo referente, seja por paralaxe diacrônica ou sincrônica, até mesmo a recusa ao referente, o que ocorreria no caso de uma leitura literal. O estranhamento não seria, portanto, algo inerente a obra, mas sim o processo que ocorre a partir da leitura. O deslocamento é um processo decorrido da alteridade, também um elemento da ciência ficção e pode ocorrer de diversas maneiras, como deslocamento temporal, ou até mesmo personagens deslocadas, conforme acontece com a protagonista de “O Conto da Aia”.

A ciência ficção tem, portanto, papel ativo de produção de realidade durante a leitura. Ler é um processo que produz agenciamentos de significações ligados ao regime de verdade no qual o leitor se insere. No entanto, o estranhamento é um processo que permite ao leitor realizar

agenciamentos diferentes do que é posto no mundo como real dentro daquele regime de verdade, já que durante o processo de leitura os regimes de verdade do leitor e da obra se chocam, derivando um processo de estranhamento com potencial de questionar o regime posto no real e agenciar novas significações. Esse processo é relativo na medida em que depende essencialmente do regime de verdade e contexto, tanto narrativo quanto sócio-histórico, no qual a obra foi produzida, como também daquele no qual o leitor se insere e a partir do qual produz agenciamentos.

O estranhamento é usado pelos dispositivos de poder para disciplinamento, por meio de relações de poder estabelecidas histórica e materialmente, que são responsáveis não só pela manutenção de estruturas como também por sua naturalização. Em “A História da Sexualidade”, 1999, Michel Foucault traça a genealogia dos processos disciplinatórios de gênero, sexo e sexualidade, nos quais o estranhamento desempenha função importante para a construção dos dispositivos de poder. Esse mesmo processo pode ser observado de forma similar em “O Conto da Aia”, no qual o sistema político, sua estrutura e seus dispositivos de poder estão ancorados no controle do sexo, da sexualidade e capacidade reprodutiva feminina, a partir de um movimento de estranhamento entre as crenças da sociedade teocrática do livro e as práticas sexuais anteriores a sua fundação – práticas estas que são similares às da realidade material em que vivemos. Os dispositivos de poder definidos na obra foucaultiana supracitada são elencados de forma mais detalhada pelo autor em “A Microfísica do Poder”, 1979, na qual ele os conceitualiza:

Tento demarcar, em primeiro lugar, um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. [...] Entendo dispositivo como um tipo de formação que, em determinado momento histórico, teve como função principal responder a uma urgência. O dispositivo tem, portanto, uma função estratégica dominante. (FOUCAULT, 1979, p. 244).

É possível, portanto, traçar um paralelo entre a construção dos dispositivos de poder no livro e a relação sexo, sexualidade e reprodução presente na realidade do leitor, a partir da compreensão da estrutura social narrada no livro antes da instituição da teocracia – o livro narra a história de uma sociedade distópica construída após um golpe de Estado militar que institui uma teocracia nos EUA, o que será explicado com mais detalhes no próximo capítulo. O que é descrito por Foucault (1999) como processo de estranhamento em relação ao sexo e sexualidade no mundo material, ocorre no universo narrativo do livro e tem como consequência o controle da sexualidade e da capacidade reprodutiva feminina para sua domesticação para o trabalho de aia. Nesse sentido, o leitor pode observar no interior do livro um processo de disciplinamento

que ocorre na sua própria realidade e é naturalizado e, com isso, agenciar novos significados sobre ele e desterritorializá-lo por meio de sua desnaturalização.

A partir da ideia de que o estranhamento é fundamental para a construção dos dispositivos de poder e também condição necessária, juntamente com a cognição, para o que foi definido como ciência ficção, este trabalho propõe uma análise de uma obra popularmente classificada como ficção científica distópica. Nela, a ciência ficção lança mão do estranhamento e da cognição para agenciar sentidos distintos daqueles definidos socialmente, processo que ocorre por meio da leitura da obra e dos movimentos de cognição e estranhamento inscritos nela. Uma vez que esses processos ocorrem tanto internamente no universo narrativo do livro, quanto externamente no choque entre o leitor, o contexto cultural e material, no qual ele está inserido, e a narrativa permitem pensar dispositivos de poder da realidade material por meio da análise dos dispositivos inscritos nas obras.

2.2 A Utopia/Distopia na Ciência Ficção

O termo utopia foi cunhado há mais de 500 anos por Thomas More em sua obra homônima. Desde então, foi objeto de diversos debates e discussões. A utopia de More é a idealização de um sistema no qual o que era considerado falho na sociedade seria substituído por algo ideal, ou simplesmente banido, tendo sido cunhado com objetivos políticos e filosóficos. A utopia designa um não-lugar e é formada pelo prefixo grego de negação *ou-* e o radical *-tópos*, que significa lugar (MATOS, 2017). Segundo o dicionário Michaelis de língua brasileira, utopia é

Qualquer descrição ou conceito imaginário de uma sociedade com um sistema social, político e econômico ideal, com leis justas e dirigentes e políticos verdadeiramente empenhados no bem-estar de seus membros. 2. Por extensão: Plano ou sonho irrealizável; ideia generosa, porém impossível; fantasia, quimera⁴. (MICHAELIS, 2019)

Para além dos debates políticos, jurídicos ou filosóficos, suas muitas definições e críticas, a utopia tem grande utilidade para os estudos literários, pois é de grande valia para abordar e reconhecer aspectos narrativos nas obras. Pode-se compreender utopia como projeção de desejos não satisfeitos ou até mesmo impossíveis de se realizarem dentro das estruturas materiais do real – visão presente na crítica marxista ortodoxa feita à utopia política. No entanto, é justamente por transcender as barreiras da realidade concreta que, quando localizada dentro

⁴MICHAELIS. *Moderno dicionário brasileiro da língua portuguesa*. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/utopia>>. Acesso em: 02 mai. 2019.

da literatura, a utopia cria mundos ideais de acordo com determinados valores. Barossi classifica a utopia de duas formas:

[...] pode-se diferenciá-las como utopias de escape ou reconstrução: aquela, caracterizada pela fuga do presente insatisfatório, como uma heterotopia para onde se pode abrigar e fugir da realidade, já que se acredita que a realidade é imutável; enquanto esta propõe um escape possível no futuro, através da reconstrução do mundo real ao efetivar no plano palpável, o que se propõe na narrativa utópica. (BAROSSO, 2015, p. 146).

O que as teorias sobre utopia têm em comum, na maior parte dos casos, é a visão da utopia como um universo no qual aspectos que na realidade material seriam vistos como negativos pelo regime de verdade sejam substituídos por condições ideais – também relativas ao regime em questão. Apesar de propor a construção de um mundo ideal dentro de determinadas expectativas, a utopia não necessariamente permite novos agenciamentos sobre o real, uma vez que isso depende tanto da forma como a narrativa é construída, quanto do regime de verdade no qual o leitor se insere, de forma que a utopia é relativa: o que é utópico para um indivíduo de determinado grupo social, não o é para outro.

As definições de utopia, quando deslocadas da utopia política para a literária, se tornam ainda mais amplas e complexas. A dificuldade para defini-la se dá justamente por sua flexibilidade e também pelas variações de seus significados de acordo como regime de verdade vigente. A utopia se liga à ciência ficção, como parte dela, pode-se argumentar, por meio do estranhamento.

A UTOPIA será definida como: a construção de uma comunidade singular onde instituições sociopolíticas, normas e relações entre as pessoas estão organizadas de acordo com um princípio radicalmente diferente que o da comunidade do autor; essa construção é baseada no estranhamento [estrangement] resultante de uma hipótese histórica alternativa; é criada por classes sociais interessadas em alteridade e mudança. (SUVIN, 2015, p. 468, grifo dos tradutores)⁵.

A utopia, portanto, age como um espelho das preocupações do autor/leitor a respeito da sociedade, propondo a construção de um universo no qual aquilo que preocupa, ou é visto como problema, é modificado ou erradicado, agindo dentro do regime de verdade vigente. Nesse sentido, o papel do leitor é ativo, essencial, uma vez que é ele quem faz os agenciamentos a respeito do que é narrado na obra – especialmente do que é estranho e não-familiar – e sua realidade material. A utopia moderna, da segunda metade do século XX, também é chamada de utopia crítica. Esse foi o período de emergência de diversos movimentos sociais, com acirramento da luta anticapitalista, feminista, antirracista e consolidação do movimento LGBTQ+ e sua atuação política, além de movimentos específicos contra a guerra do Vietnã ou ativismo

⁵ Tradução de Ana Cecília Araki e Helvio Moraes para publicação na Revista Morus.

ecológico. Outra diferença entre as utopias clássicas e as modernas é a tendência que as primeiras têm de propor mudanças baseadas em paradigmas legais, jurídicos e institucionais, enquanto as segundas, via de regra, têm como base para mudanças o desenvolvimento científico e tecnológico (PACHECO PADILLA, 2015).

Também durante o século XX, Pacheco Padilla (2015) argumenta que as utopias foram influenciadas pelo pessimismo das guerras, regimes totalitários, consequências negativas do uso de tecnologias, e começaram a representar esses sistemas, até de maneira a exacerbar a realidade, criando a projeção de universos pessimistas e negativos, as distopias. A utopia não desapareceu no século XX, mas tomou outras formas, sendo ambas – distopias e utopias – partes da ciência ficção. A distopia literária surgiu juntamente com o aumento do pessimismo, desenvolvimento tecnológico, teorias eugenistas e evolucionistas. Tanto ela, quanto a utopia representam o mundo no qual autor e leitor estão inseridos, porém, a distopia assusta o leitor ao mostrar uma sociedade que seria utópica dentro do universo narrativo – o sistema social perfeito – como uma sociedade totalitária, agressiva, mecanizada e opressiva. A distopia funciona como um alerta para como será o futuro baseado no que ocorre no presente.

A distopia, também chamada de utopia negativa por ser vista como uma forma distorcida de utopia, é relacional. A palavra é formada por um prefixo, *-dis*, que denota anormalidade, disfuncionalidade, doença ou mal funcionamento, e, como a utopia, pelo radical *-topos*, que significa lugar. A distopia significa, em seu sentido literal, um lugar distorcido, anormal ou doente de alguma maneira, como uma ideia similar ao que já existe, mas deslocada de seus valores considerados positivos por determinado regime de verdade. Tomando como exemplo “O Conto da Aia”, uma distopia, é possível notar que dentro do universo narrativo o machismo é estrutural e institucionalizado, atuando como parte essencial dos dispositivos de poder. O livro poderia ser uma utopia para homens, especialmente os ultrarreligiosos que se identificam com a sociedade construída. Enquanto a utopia cria o ideal de um mundo perfeito segundo critérios determinados, a distopia busca o susto, o assombro ao escancarar aspectos da realidade material que são opressores e modos operação dos dispositivos de poder.

O Conto da Aia, de Margaret Atwood, é o exemplo perfeito de distopia clássica: um cenário futurístico que representa um matriarcado, porém governado por homens; personagens femininas que continuam a ser oprimidas e marginalizadas; e uma protagonista feminina, sem poder, sem voz, que luta para sobreviver em um Estado totalitário. Atwood desafia a representação tradicional de heroínas em distopias para mostrar como uma protagonista mulher consegue sobreviver, contra todas as possibilidades, a uma sociedade que a objetifica.⁶ (PACHECO PADILLA, 2015, p. 63, tradução nossa).

⁶TextoOriginal “Margaret Atwood’s *The Handmaid’s Tale* is the perfect example of a classical dystopia: a futuristic setting that depicts a matriarchy, though ruled by men; female characters who continue to be oppressed and marginalized; and a powerless, voiceless female protagonist who struggles to survive a totalitarian state.

As distopias feministas escancaram as relações sociais entre homens e mulheres e sua natureza opressora dentro do sistema patriarcal, utilizando para isso as técnicas explicadas anteriormente. Pode-se dizer, portanto, que o efeito de estranhamento da ciência ficção se faz presente em narrativas distópicas de diferentes maneiras, como a desterritorialização dos sujeitos, seu protagonismo e individualidade como parte de uma classe oprimida, e também pela exposição das consequências da violência a que são submetidas, o que as humaniza, sendo, nesse sentido, uma forma de agenciar no real narrativas que questionam não só o regime de verdade, mas também as instituições e dispositivos de poder para o qual ele opera e, até mesmo, toda a estrutura que sustenta isso.

O que permite o agenciamento de novas significações para os abusos cometidos pelo poder patriarcal, comuns e naturalizados no real, é a forma como os desdobramentos deles são apresentados na narrativa: como traumáticos, danosos, escancarando sua opressão de classe, mas também seus efeitos de apagamento, silenciamento, desumanização e objetificação. A forma como a narrativa é construída é essencial para isso, pois pode reafirmar esse apagamento, ignorando a subjetividade das personagens, ou torna-las sujeitos e protagonistas, mostrando como os efeitos do disciplinamento operam sobre seus corpos e mentes, o que ocorre em “O Conto da Aia”.

2.3 Criação do Indivíduo: Desterritorialização do Sujeito Marginal e a Relação do Corpo com o controle

O dispositivo discursivo compreende formações discursivas e não-discursivas em um amálgama que estabelece relações na sociedade e gera sentidos. O disciplinamento do corpo se dá de forma material e simbólica ancorado nos dispositivos de poder, sendo ambos importantes para sua manutenção. A literatura é um meio essencial para a produção de discursos e significações que são agenciadas pelos leitores. Nesse sentido é interessante observar a forma como as narrativas que abordam corpos disciplinados operam para produção de discursos sobre a própria sociedade, para além dos dispositivos de poder que visam manter e naturalizar relações pré-definidas.

Atwood challenges traditional representations of female heroines in dystopia to show how a female protagonist is able to survive, against all odds, a society that objectifies her.” PACHECO PADILLA, Vanessa. *Narrating a way out of dystopia: voice in Margaret Atwood’s The Handmaid’s Tale*. Tese (mestrado em literatura inglesa) – Universidad de Costa Rica. San Jose, 2015. Disponível em: <<http://repositorio.sibdi.ucr.ac.cr:8080/jspui/bitstream/1123456789/3063/2/Narrating%20a%20way%20out%20of%20distopia.pdf>>

Algumas obras científicas-ficcionais, no entanto, produzem mais cognição que estranhamento, devido aos referentes que apresentam. Um exemplo disso são as narrativas que apresentam personagens marginalizados de forma a espelhar discursos construídos sobre sexo/gênero, sexualidade e raça mantidos e naturalizados pelos dispositivos de poder, como é o caso das *fembots*, robôs com formas femininas e feminilizadas aos quais são atribuídos papéis que espelham os existentes no sistema capitalista-patriarcal (BAROSSO, 2015). Segundo Barossi (2015, p. 142-143), “limitam as personagens a uma forma de objeto usado para atender aos desejos masculinos ou conservar as estruturas de poder sociais em determinado território, em especial no que concerne as questões de gênero e sexualidade”, dessa forma, o referente das personagens e seu significado produz cognição em vez de estranhamento, pois mantém a territorialização da personagem feminina, como a naturalização da objetificação, e não agencia outros sentidos.

Apesar de mostrar como as relações operam materialmente no real, isso não ocorre em outras narrativas que representam a figura da mulher, como em “O Conto da Aia”, uma vez que tiram a personagem marginalizada de seu lugar à margem e a localiza no centro da narrativa. O estranhamento ocorre, portanto, em função do deslocamento do corpo da personagem, de seu papel na narrativa e sua nova territorialização. Dessa forma, não apenas a ciência ficção é necessária para a produção de novos agenciamentos, mas também a presença do estranhamento das territorializações feitas no real.

A ciência ficção permite o agenciamento de significados diferentes dos impostos pelo regime de verdade, desde que o estranhamento provocado pela narrativa aconteça sobre algum aspecto que não seria cognitivamente estranho, quando localizado no interior do regime em questão. Para isso, é importante ressaltar o contexto material no qual a narrativa foi escrita, bem como o regime de verdade em que seus leitores se inserem no contexto de leitura e publicação da obra. Dessa forma, a construção de sentidos na narrativa, seus referentes e o agenciamento que deles deriva promovem a desterritorialização de sujeitos e ideias que são fixadas e naturalizadas no regime de verdade, por meio de dispositivos de poder e relações materiais que mantêm a coesão das estruturas sociais.

O estranhamento não precisa partir necessariamente de referentes fantásticos, mas pode se manifestar por meio de referentes deslocados do universo material e simbólico do leitor, ou ainda por sua desterritorialização, o que ocorre em “O Conto da Aia”. O deslocamento não ocorre apenas internamente, mas o leitor também se torna deslocado.

Barossi (2017) argumenta que a narrativa olha para o leitor tanto quanto ele olha para ela, o que causa o deslocamento, uma vez que, nesse movimento, quem lê é confrontado com

um mundo estranho que funciona como um espelho que mostra e amplifica a realidade do leitor, nas palavras da autora: “aquela obra nos enxergou”. Esse espelho, apesar de apenas refletir, de forma por vezes hiperbólica, uma fração da realidade, causa o estranhamento por meio do confronto entre o que é visto – refletido – na obra e o que está posto na realidade de quem lê. Barossi define o olhar da obra para o autor da seguinte maneira:

Este olhar, por vezes incrível, por vezes aterrorizante, emana do “eu” ciência-ficcional, quase um eu lírico que nos olha do outro lado, por aquele horizonte tênue que separa a experiência empírica do espaço diegético⁷. Esse “eu” e esse espaço que nos alcança com seu olhar, com a potencialização do nosso terror, dos nossos piores pesadelos, provocam em nós o efeito estético do deslocamento, como se fôssemos transportados para outra dimensão, que, apesar de *outra*, é a nossa mesmo. (BAROSSO, 2017, p. 34 grifo da autora).

A desterritorialização dos corpos nessas narrativas permite agenciamentos que podem contribuir para deslocar a narrativa sobre corpos marginalizados na estrutura do mundo real. Isso acontece em função de o contato com as narrativas sobre esses corpos e suas diferentes formas de controle e disciplinamento operar mudanças discursivas, uma vez que ocorre o próprio deslocamento entre um sujeito que é localizado a margem no real e a narrativa ficcional que o tira dela.

O capitalismo se vale de meios coercitivos e ideológicos usando o sistema patriarcal e o racismo estrutural para fixar e manter estruturas de classes. A ciência ficção, ao possibilitar a criação de um universo narrativo estranho às relações sociais fixadas, também permite um processo de desnaturalização dessas estruturas. A representação de mulheres, pessoas racializadas e da classe trabalhadora, quando desterritorializada na figura de um protagonista, permite também desterritorializar conceitos preestabelecidos no real sobre essas classes, sendo a literatura uma forma de agenciar isso (BAROSSO, 2015).

As relações materiais se constituem de forma a manter a coesão da sociedade e o disciplinamento do corpo tem papel essencial nisso. O corpo é um dos espaços de disputa de poder e os dispositivos de controle atuam sobre ele de forma a manter e naturalizar os poderes existentes e, por isso, foi escolhido como foco de análise.

“O Conto da Aia” é representado um futuro distópico no qual os EUA se transformam em uma teocracia por meio de um golpe de Estado e os direitos civis das mulheres são retirados. As mulheres são separadas em classes de acordo com uma função social cujo principal critério é reprodutivo – de acordo com a fertilidade da mulher. A história é narrada em primeira pessoa por uma mulher, o que centraliza um indivíduo de uma classe social que dentro do universo

⁷Diegese é um conceito de narratologia utilizado para designar a dimensão ficcional da narrativa. Espaço diegético é, portanto, o espaço ficcional no qual a história se desenvolve.

ficcional é silenciada e objetificada, e a posiciona como protagonista, como sujeito. Nesse livro, o corpo das mulheres, independentemente do grupo social no qual ela se encontre, é rigidamente controlado e disciplinado para a manutenção do sistema vigente. O controle reprodutivo encontrado no interior da obra também se manifesta nas estruturas do mundo real, mas essa representação na obra, por ser uma exacerbação do que já ocorre na realidade material pode “aguçar a percepção crítica e o olhar atento do leitor para esse tema no processo de apreciação” (BAROSSO, 2015, p. 145).

No entanto, é necessário ressaltar criticamente a abordagem de raça no livro. “O Conto da Aia” é sobre relações de gênero e aborda as violências sofridas pelo corpo biológico feminino dentro de uma estrutura que privilegia o sexo como fator principal de exploração. Isso não justifica, porém, o apagamento da questão racial na narrativa. Uma vez que pode-se considerar o sujeito universal como o homem branco pertencente à classe média (BAROSSO, 2015), não pautar raça reproduz a lógica racista de representatividade branca.

A narrativa do livro é conduzida de tal forma que a questão racial se torna inexistente, como se não existissem indivíduos racializados na narrativa, ou o fator raça fosse irrelevante para a estrutura social de Gilead. O último capítulo do livro aborda uma conferência que teria acontecido dois séculos depois da República de Gilead, com a participação de historiadores que pesquisavam sobre esse período. A conferência se trata de estudos caucasianos, o que evidencia a construção branca de Gilead no livro. Além disso, as poucas menções a raça não esclarecem essa questão, como é o caso do trecho que fala sobre o extermínio dos “Filhos de Cam”, uma referência ao livro bíblico de Gênesis, que pode ser lida tanto como sendo sobre negros quanto sobre islâmicos, porém isso não é esclarecido. É certo que não há islâmicos no livro, pois a narrativa é clara sobre eles terem sido perseguidos, marcados pelo racismo religioso, mas a perseguição a indivíduos racializados, independentemente da religião, não é abordada. A branquitude é, portanto, padrão no livro.

Apesar de não contribuir para a produção de agenciamentos sobre questões raciais na obra analisada, a ciência ficção, enquanto recurso, é importante e pode ser usado para refletir sobre racismo estruturado em determinada sociedade. Um exemplo de seu uso para essa finalidade é o livro “Kindred: Laços de Sangue”, 2017, da autora estadunidense Octavia Butler, no qual são abordados e contrapostos dois períodos históricos nos EUA. Butler (2017) utiliza a viagem no tempo como recurso para mostrar o racismo do século XIX, contrapondo com a realidade de uma mulher negra que vive em 1970.

O disciplinamento do corpo negro é representado pela perspectiva da própria protagonista, uma mulher negra, fato que sozinho desterritorializa o local do sujeito negro – e

também da mulher racializada –pois o localiza como protagonista da história, e não como “Outro” do sujeito branco e homem (HOLLINGER, 2003*apud* BAROSSO, 2015). O disciplinamento da protagonista e a centralização das violências cometidas contra os corpos negros inscritos na narrativa escancaram a realidade do racismo institucionalizado, e também demonstram a importância do controle para a manutenção da estrutura racial. Nesse sentido, pode-se afirmar que a ciência ficção pode ser utilizada para desterritorializar corpos racializados – e também outros corpos marginais – apesar de “O Conto da Aia” não abordar raça, de forma que essa é uma especificidade do livro e da autora e não do recurso narrativo propriamente dito.

Portanto, em “O Conto da Aia”, não se pode afirmar que a desterritorialização para o centro que ocorre com o corpo feminino também ocorre com o corpo racializado. Mas também não se pode afirmar que tais corpos não-caucasianos estão localizados na margem, já que eles não estão inscritos na narrativa sob forma alguma. As argumentações e explicações para a escolha narrativa são diversas, porém, o racismo do apagamento e inexistência de personagens racializados, especialmente ao considerar a origem branca e canadense da autora, são nítidos. Por isso, é de extrema importância ressaltar a questão da raça ao se falar de desterritorializações de conceitos naturalizados no real, pois, apesar de ter executado essa tarefa ao abordar representações de sexo/gênero e sexualidade, a autora não apenas falha em pautar raça, como também reitera a estrutura racista de apagamento e territorialização marginal – ou, no caso, inexistência – naturalizada no real.

O livro realiza a desterritorialização do corpo feminino, no qual se baseiam os estudos produzidos neste trabalho. Porém, esse corpo também é atravessado por questões raciais, apesar de não o ser na narrativa, o que deve ser ressaltado ao se falar de desterritorialização e agenciamentos de significados, uma vez que, compreendendo a construção do sujeito universal como branco, pode-se entender a importância de incluir raça em narrativas como essa, pois sua exclusão influencia na leitura da obra. Se o sujeito universal é branco e, salvo poucas exceções meramente descritivas (de personagens brancos), a raça não é abordada, logo, a leitura feita, territorializada em uma cognição produzida e naturalizada no real, reproduz o pagamento racial ocorrido a partir da criação do sujeito universal.

A partir do entendimento das contribuições da obra para se pensar exclusivamente as relações de gênero/sexo, considera-se o livro como uma narrativa transsignificativa, que, em oposição às cissignificativas, permite agenciamentos de questionamentos e reflexões sobre o regime de verdade e as estruturas materiais que o sustenta, e também a desterritorialização daquilo que estava naturalizado (BARROSSO, 2015). Esse movimento ocorre em “O Conto da Aia” ao abordar gênero/sexo, e também em “Kindred: Laços de Sangue”, citado anteriormente,

ao pautar raça e gênero. Narrativas cissignificativas, por outro lado, são as que, a partir do processo de leitura ou apreciação da obra, não estimulam reflexões e desterritorializações.

O processo de estranhamento no livro permite a ocorrência de tais agenciamentos de forma que o leitor confronte a própria realidade com a do livro e, a partir disso, produza novos significados que transcendam o regime de verdade. Nota-se em “O Conto da Aia” a alteridade das personagens, condição importante para uma narrativa transsignificativa. O “Outro” é visto como sujeito na narrativa, cuja existência é suficiente em si mesma. Nesse sentido a desterritorialização de personagens que no real estão localizados ao centro – como homens – faz com que esse grupo passe a dividir espaço e a condição de sujeito com aqueles que são comumente territorializados à margem ou como o Outro, o que também leva ao estranhamento dentro dessas narrativas, uma vez que sua voz narrativa é de indivíduos que no real são silenciados.

Além disso, outra característica da narrativa transsignificativa que permite o agenciamento de novas significações é a maneira como o referente é exposto no livro, como uma situação distópica para as personagens, na qual a realidade as oprime brutalmente. Ao pensar o contexto em que “O Conto da Aia” foi escrito, pode-se afirmar que o que é contado no livro representa uma radicalização das condições materiais as quais as classes estão expostas no real. No caso, há o acirramento da opressão sobre o sexo feminino, o enrijecimento do controle sexual e reprodutivo, retirada radical de direitos civis e institucionalização de diversas violências misóginas, com estupro como a mais frequente. No contexto em que o livro foi escrito – Canadá, anos 1980 – essas condições expressam uma sociedade mais opressora para as mulheres do que a realidade concreta, ainda que, ao se comparar a sociedade do livro como outras sociedades do real durante a mesma década, o estranhamento seja menor devido às condições materiais representadas na narrativa também estarem representadas do mundo concreto.

Barossi (2015) especifica ainda uma outra característica de narrativas transsignificativas: “os desdobramentos emocionais de traumas ou experiências negativas vividas pelas personagens femininas ou representantes de grupos marginalizados no imaginário coletivo.” Ou seja, a narrativa explica os efeitos das experiências traumáticas as quais as personagens são submetidas. Como a análise será feita sobre o disciplinamento do corpo das personagens, os efeitos analisados também serão relativos aos traumas desses disciplinamentos e seus efeitos em termos de autovigilância e funcionamento de dispositivos de controle na narrativa.

Pode-se notar que as condições para o estranhamento não são fantasiosas, pelo contrário, estão firmemente ancoradas na realidade material e, existiram, ou existem, em sociedades diferentes daquelas nas quais o livro foi lançado, ou seja, representam situações radicalizadas ou exacerbadas baseadas no real, conforme foi explicado sobre a domesticação da sexualidade e capacidade reprodutiva feminina para a produção de trabalho. Essa representação de situações do real também é uma das características de uma narrativa transsignificativa.

Portanto, é essencial compreender o recorte feito para a análise das narrativas, tanto em relação ao contexto no qual o livro foi lançado e seu público imediato – canadenses dos anos 1980 – quanto ao atual no qual se produz esse trabalho. Nesses contextos distintos há o estranhamento e a cognição como efeito da apreciação da obra, de forma que atuam juntos no sentido de criar o efeito estranho ao mesmo tempo em que permite ao leitor identificar aspectos da própria realidade – cognição – localizando o livro em um espectro da ciência ficção em que o estranhamento permite o choque e a desterritorialização de classes e seus indivíduos. A cognição provoca o medo e o entendimento sobre a extensão do que ocorre com o Outro marginalizado socialmente no mundo real. Considerando-se que em outros contextos, além dos expressos anteriormente, o nível de estranhamento e cognição podem variar, haja visto que são relativos, é necessário explicitar o recorte feito para a análise das obras e as considerações tecidas acerca do estranhamento e da cognição no livro.

A partir da compreensão das personagens do livro, especialmente a protagonista construída para ser sujeito da própria história, é possível entender o quão essencial o controle de seu corpo dentro da narrativa é. O Outro sempre representa uma ameaça ao poder por estar à margem – não o detém, nem se beneficia dele, é apenas usado como instrumento para produção de trabalho – ao mesmo tempo em que é essencial que o Outro desempenhe as funções sociais a si designadas para que a coesão social seja mantida e o trabalho seja produzido. O acirramento de conflitos para criar o efeito de estranhamento se materializa nos corpos das personagens e no seu disciplinamento dentro da narrativa. Por isso, o modo como os dispositivos de poder atuam sobre os corpos para discipliná-los é essencial para entender a narrativa transsignificativa e o movimento de estranhamento que ocorre nela enquanto ciência ficção.

3 O CONTO DA AIA: APLICAÇÃO DA BIOPOLÍTICA E DO PANÓPTICO FOUCAULTIANO PARA O DISCIPLINAMENTO DO CORPO

“Chegou o tempo de pensar sobre o sexo. [...] É em tempos como esse, quando vivemos a possibilidade de destruição sem precedentes, que as pessoas são mais propensas a se tornarem perigosamente malucas sobre sexualidade.”

(Gayle Rubin)

A segunda década do século XXI está sendo marcada pelo acirramento de conflitos entre classes e pela polarização política. Argumenta-se risco para a democracia devido a eleições de lideranças autoritárias cuja emergência entra em conflito direto com movimentos de direitos civis que se consolidam e fortalecem em todo o mundo. Nesse contexto, o conservadorismo religioso e o neoliberalismo moralizador ressurgem com a agenda de impedir a conquista de direitos de minorias e retroceder, retirando os direitos até aqui conquistados. É notório que em momentos de crise – política, econômica, social – as disputas de poder se acirram, o conservadorismo e tendências fascistas crescem, e os primeiros direitos a serem retirados são de grupos oprimidos, como os trabalhadores localizados na base do capitalismo, minorias étnicas, raciais, sexuais e mulheres.

A partir de uma perspectiva da ciência ficção como instrumento para agenciamento de significações do real, “O Conto da Aia” se mostra atual, quase trinta e cinco anos após sua publicação original, e importante para o agenciamento de novos significados sobre a realidade. Compreender e analisar os referentes, suas significações e o modo de operação dos dispositivos de poder e do disciplinamento do corpo feminino na narrativa é importante para entender as possibilidades de agenciamentos sobre a realidade material da contemporaneidade e as ameaças enfrentadas pelas mulheres nesse contexto.

Neste capítulo será feita uma análise da obra e do disciplinamento do corpo das personagens, refletindo sobre a relação entre a necessidade do disciplinamento e os dispositivos de poder, desterritorialização de corpos e agenciamentos possível a respeito da realidade da mulher na contemporaneidade. Para análise, serão utilizados textos de Michel Foucault e seu conceito de biopoder, dispositivos de poder e disciplinamento, além dos conceitos explicados no capítulo anterior, que permitem a ligação entre o universo narrativo e a realidade das mulheres na contemporaneidade.

3.1 Organização de Gilead, Mecanismos de Controle e Estruturas Políticas

A figura feminina é representada com frequência na literatura atwoodiada. Margaret Atwood é escritora, poetisa e contista canadense e publicou seu primeiro livro de poemas em 1961. Com mais de quarenta obras publicadas entre ficção, ensaios e poesias, seu livro “O Conto da Aia” foi adaptado para série televisiva em 2017 pelo canal estadunidense Hulu, e gerou debates em jornais, revistas e redes sociais sobre temas como controle reprodutivo e sexual, sociedades totalitárias e fundamentalismo religioso.

Publicado pela primeira vez em 1985 sob o título original “The Handmaid’s Tale”, o livro de Margaret Atwood retrata uma sociedade distópica (PACHECO PADILLA, 2015), a república de Gilead, formada após um golpe de Estado orquestrado por um grupo de fundamentalistas religiosos nos Estados Unidos. O livro é narrado em primeira pessoa, sob a perspectiva de uma aia – que, no novo sistema, foi rebatizada de Offred, representando o homem de quem ela era aia, Fred. O nome é formado pelo prefixo “of”, que em inglês significa “de”, seguido pelo nome do homem a quem a aia é designada, denotando posse, e vínculo existente entre ele e a aia enquanto ela estiver em sua casa.

Por uma simples análise do nome é possível entender o lugar que será designado às mulheres: o de objeto a ser possuído e controlado, que serve a um fim específico e só tem valor enquanto puder cumprir seu destino social. A história mostra conflitos e relações sociais, formas de controle e disciplina impostas às mulheres, contrapondo o tempo narrativo presente, da Gilead teocrática, e o passado democrático dos Estados Unidos no qual a personagem vivia antes do golpe.

O golpe foi dado após um ataque, supostamente terrorista, que resultou na morte do presidente dos Estados Unidos. A narrativa deixa implícito que tal atentado foi organizado pelo grupo fundamentalista que posteriormente assumiu o poder e instaurou a República de Gilead. Há, portanto, uma relação entre a fabricação de um inimigo – no caso do livro, o terrorista – que ameaça a segurança da população, e também do poder, e a necessidade de um estado de exceção para combater tal inimigo (FOULCAULT, 1979) e, conseqüentemente, proteger a população e o governo. Isso é usado para legitimar as mudanças feitas na sociedade, que possibilitaram o golpe que originou Gilead e também a criação de novas formas de disciplinamento do corpo – especialmente da mulher – novos dispositivos de poder que a sustentam, a nova organização social e divisão de classes imposta. A República de Gilead é organizada a partir das estruturas foucaultianas de poder, tendo como base a Igreja – organizada nessa sociedade a partir de um recorte específico da Bíblia e centralizada no interior do Estado

– e o exército, que se utilizam dos dispositivos de controle do corpo e da sexualidade para manutenção da ordem social.

Em “Necropolítica”, 2016, Achille Mbembe relaciona o conceito foucaultiano de biopolítica com o estado de exceção e o estado de sítio, formando seu conceito de necropolítica, a política de morte por meio da qual uma relação de confronto com o outro dá o direito de matar. Mbembe (2016) afirma que “o poder (e não necessariamente o poder estatal) continuamente se refere e apela à exceção, emergência e a uma noção ficcional do inimigo”. O golpe fabricou o terrorista como inimigo e, ao não especificar quem é esse terrorista, faz com que o Estado possa ditar o que é terror e produzir políticas de morte a partir disso.

Após o golpe e a fabricação do inimigo terrorista, a República de Gilead ancora suas políticas de corpo no direito de decidir quais vidas devem ser matadas – aquelas sem valor de trabalho ou que ameacem substancialmente o novo governo, conforme a explicado pela noção de biopoder de Foucault.

O pânico contra o terrorismo e a eficiência de sua implementação são notórias em uma cena do livro na qual um Guardião mata uma Martha – Guardião é um cargo para policiamento de rotina e funções periféricas, como jardinagem de alguma Esposa cujo marido tenha função superior no governo, como é o caso do Comandante a quem Offred é designada. Geralmente os Guardiões são homens muito jovens ou mais velhos, considerados “burros” ou “incapacitados”, nas palavras da autora. Na cena em questão⁸, a mulher havia sido confundida com um homem ao mexer em sua túnica para pegar o passe, documento que atesta quem ela é e lhe permite transitar. Durante a confusão os Guardiões pensaram que ela estava pegando uma bomba para cometer um atentado e, em reação, atiraram nela.

Conforme foi apontado no capítulo anterior, a ficção científica é uma forma de pensar o real, representar e reproduzir relações de poder e dinâmicas de exercício dos poderes e promover agenciamentos de significados acerca do que é representado e também da realidade material. Considerando-se o contexto sociopolítico no qual o livro foi publicado, “O Conto da Aia”, ao abordar a militarização do Estado em uma situação distópica de acirramento de forças, permite o agenciamento de significações a respeito da militarização que são naturalizados na sociedade ocidental dos anos 1980.

Nesse sentido, a obra exemplifica a desterritorialização das significações naturalizadas no real (BAROSSO, 2015) não somente da figura feminina, geralmente silenciada – como o

⁸ “Estava remexendo em sua túnica em busca do passe, e pensaram que estivesse apanhando uma bomba. Pensaram que fosse um homem disfarçado. Já houve incidentes desse tipo.” Ver mais em: ATWOOD, Margaret. *O conto da aia*. Rio de Janeiro: Rocco, 2017, p. 31.

narrador é um indivíduo localizado em uma classe explorada, que tem suas questões subjetivas e traumas expostos, ele é desterritorializado da margem e reposicionado ao centro –, mas também a respeito da militarização, centralização do Estado, recrudescimento das forças coercitivas e instauração do totalitarismo. Isso ocorre uma vez que a narrativa tradicional de militarização como método de proteger os cidadãos é rompida e questionada ao mostrar um sistema que violenta parte dos indivíduos em prol de um objetivo institucional.

O Estado, portanto, que usa o argumento da proteção para justificar a militarização, é o mesmo que utiliza o poder militar para cometer abusos contra os cidadãos, controlar seus corpos e impor disciplina. O caráter autoritário, violento e a exposição dos verdadeiros interesses políticos e econômicos do Estado para a militarização, expostos ao longo do livro, permitem questionar o discurso comum de uso das forças coercitivas do Estado para proteger a população e agenciar significados diversos dos naturalizados.

A partir da implementação do estado de exceção, caracterizado na narrativa pelo fechamento do Congresso, militarização dos espaços de poder e da vida cotidiana e fechamento das fronteiras, os direitos das mulheres começam a ser retirados. Silvia Federici (2017) descreve o processo de retirada de direitos femininos e mudanças legais ocorrido na Europa durante os séculos XVI e XVII, período de transição socioeconômica no continente. Federici o definiu como um “processo de infantilização legal”, devido a perda da autonomia feminina. Esse processo, que redefiniu não só estrutural e institucionalmente, mas também ideologicamente as relações de gênero (FEDERICI, 2017), foi essencial para a transição para o capitalismo, uma vez que permitiu criar as bases para o processo de divisão sexual do trabalho que ocorreria posteriormente.

Os processos de retirada de direitos das mulheres em “O Conto da Aia” e de mudança na legislação ocorrem após o golpe e durante a instauração do regime teocrático da República de Gilead e têm, na história, função de alterar as bases de um sistema e permitir a emergência de outro. Além disso, tais mudanças culminaram na posterior divisão de classes entre as mulheres em Gilead, que abordarei em seguida, e representaram o início da atuação dos dispositivos de poder sobre o corpo feminino.

A primeira forma institucional de perda de autonomia após o golpe e instauração do novo regime foi a proibição do trabalho e retenção de contas bancárias. A protagonista narra o dia em que chegou ao trabalho e descobriu, junto com as outras mulheres, que não poderia mais trabalhar. Na cena é possível perceber a maneira como a lei e a militarização atuam:

Vou ter que dispensar vocês, disse ele, é a lei, tenho que cumprir. Tenho que dispensar vocês todas. Ele disse isso delicadamente, como se fôssemos animais selvagens, sapos que tivesse apanhado num pote de vidro, como se tivesse sendo humanitário. Estamos sendo demitidas? perguntei.[...]
 Não sou eu, disse ele. Vocês não compreendem. Por favor saiam, agora[...] Ele olhou por cima do ombro. Eles estão ali fora, disse ele, em meu escritório. Se não saírem agora, eles vão entrar. Só me deram dez minutos [...]
 Mas eu podia ver o corredor do lado de fora, e havia dois homens postados lá, de uniforme, com metralhadoras. (ATWOOD, 2017, p. 207)

Na passagem é possível notar a presença dos militares para imposição da nova lei e cumprimento de regras, o que se mostra recorrente ao longo de toda a obra. A principal forma de disciplinamento do corpo feminino no livro se deu por via coercitiva e violência física que, aliadas à violência psicológica e imposição do novo regime de verdade, tornaram os indivíduos vigilantes com seu comportamento e o dos demais.

Antes da demissão, a caminho para seu emprego, Offred tenta comprar um maço de cigarros e descobre que o número de sua conta é inválido. É importante ressaltar que o sistema econômico já havia sido modificado e unificado, de forma que o dinheiro em papel não era mais utilizado e toda transação monetária era feita informando o número da conta, valor seria abatido diretamente dela, que era controlada pelo governo em um sistema bancário único para todos os cidadãos. No entanto, Offred não conseguiu comprar o maço de cigarros e, encontrando-se com uma amiga, Moira, em casa, descobriu que todas as contas de mulheres foram congeladas, uma vez que havia sido decretado que elas não poderiam possuir bens. O controle da conta seria passado para o marido ou parente masculino direto. A conta de Offred é passada para seu marido, Luke, enquanto Moira é colocada na clandestinidade.

Ela é uma mulher lésbica, sem parentes homens, de modo que passaria o número de sua conta para algum amigo como forma de poder ter acesso a seus bens e comprar o que precisasse. A centralização bancária não só foi decisiva para a dominação feminina, mas também impediu fugas do país, especialmente de mulheres sem vínculos legais com homens, como Moira. Offred e Luke tentaram fugir com sua filha, mas foram pegos antes de cruzar a fronteira entre os EUA e o Canadá. A partir deste ponto não se sabe o que aconteceu com Luke, se conseguiu fugir ou não, bem como com sua filha, capturada junto com a mãe pelo exército. O paradeiro de Moira também é incerto até determinado ponto da história, em que ela e Offred se reencontram no Centro de Reeducação Rachel e Lea e depois novamente ao final do livro, o que será analisado posteriormente. Após ser capturada pelo exército, Offred é, então, levada ao Centro, um local de disciplinamento para mulheres que seriam transformadas em aias.

O Centro é comandado pelas Tias, mulheres que se localizavam acima das Esposas na hierarquia social. Além do disciplinamento físico, o Centro, cujo nome é uma referência a uma

passagem bíblica, é um local de doutrinação religiosa. Apesar de teocrática, Gilead é uma nação sem igrejas – elas se transformaram em museus com quadros que cumprem função doutrinatória – e a própria religião professada é incerta, sua doutrina foi retirada de uma passagem específica da Bíblia cristã (GÊNESIS, 30: 1-5)⁹ e recortada para ser discursivamente usada como justificativa para a organização social, especialmente para a posição das aias. Na Bíblia, Jacó era casado com duas irmãs, Raquel e Lia, porém Raquel não conseguia engravidar e ofereceu sua serva, Bila, ao marido, para que ele a engravidasse. Uma vez grávida, Bila deu à luz e as crianças foram consideradas filhas de Jacó e Raquel.

A passagem bíblica destacada e usada como base para os costumes sociais justifica a posição das aias e representa sua função social mais básica: a procriação. A partir dela foi instituída a Cerimônia, ritual por meio do qual uma aia tem relações sexuais com um homem, o que acontece todo mês durante a ovulação. O ato deve ser realizado na presença da Esposa e com o mínimo de contato possível, o uniforme da aia foi projetado para permitir isso, um vestido longo que é levantado durante o ato. Para isso, a aia, com a Esposa segurando suas mãos, deve se deitar entre as pernas dela, segundo o trecho bíblico “Coabita com ela, para que dê à luz sobre meus joelhos”, para o ato sexual. A Cerimônia é ensinada e ensaiada no Centro onde as mulheres que se tornarão aias são disciplinadas e educadas pelas Tias.

As Tias assumem, portanto, função de disciplinamento e doutrinação religiosa em uma sociedade na qual a religião é praticada por vias institucionais, sem a presença de igrejas ou sacerdotes como padres e pastores. A religião é um instrumento de controle do Estado e é utilizada por ele como base para o regime de verdade que dita o controle do corpo e da sexualidade (FOUCAULT, 1999). A doutrinação dentro do Centro foi essencial para a implementação do sistema político, uma vez que impediu a prática religiosa livre e os questionamentos que dela poderiam derivar. Além disso, outro aspecto essencial foi a proibição de leitura para mulheres, de forma que nem o estudo da Bíblia acontecia diretamente pelas aias, mas sim por meio da tutela de terceiros, utilizando passagens recortadas e específicas para a realização, justificativa e naturalização da condição e doutrina impostas a elas.

Para compreender os mecanismos de vigilância citados anteriormente, é preciso comentar a presença dos Olhos, homens que trabalham para o Estado como vigias, disfarçados

⁹“Vendo Raquel que não dava filhos a Jacó, teve inveja de sua irmã, e disse a Jacó: Dá-me filhos, se não morro. Então se acendeu a ira de Jacó contra Raquel, e disse: Estou eu no lugar de Deus, que te impediu o fruto de teu ventre? E ela disse: Eis aqui minha serva Bila; coabita com ela, para que dê à luz sobre meus joelhos, e eu assim receba filhos por ela. Assim lhe deu a Bila, sua serva, por mulher; e Jacó a possuiu. E concebeu Bila, e deu a Jacó um filho.” Para mais informações, ver: BÍBLIA. Português. Bíblia On-line. Disponível em: <<https://www.bibliaonline.com.br/acf/gn/30>>. Acesso em: 13 mai. 2019.

ou não, cuja função era de observar os indivíduos – especialmente as mulheres – e denunciar comportamentos suspeitos. Eles se disfarçam em posições sociais comuns como motoristas e vendedores de mercado, a fim de entreouvir conversas, observar comportamentos incomuns e aproximações estranhas entre mulheres. Também aparecem em cenas para prender pessoas, sempre em carros pretos, de vidro escuro, utilizando óculos escuros que impedem seu reconhecimento dentro do veículo, de modo que seu poder se faz onipresente.

Os Olhos atuam, na história, como o panóptico de Bentham, descrito por Foucault em seu livro “Vigiar e Punir”, 1987, assegurando “o funcionamento automático do poder”. Foucault (1987) descreve o panóptico não apenas como os dispositivos materiais que o compõe, como a clássica torre, as distribuições de corpos e iluminação, mas ressalta sua característica de retirar de um único grupo ou indivíduo o exercício do poder¹⁰. Os Olhos, ao contrário dos oficiais do exército que todos podem reconhecer, por viverem disfarçados, tornam-se qualquer pessoa e induzem a um estado de hipervigilância que aumenta a extensão do poder, uma vez que faz com que seja internalizado por todos.

Além dos Olhos, as próprias mulheres desempenham essa função. No caso de algumas aias o processo de disciplinamento é tão bem-sucedido que as próprias se tornam instrumentos de exercício de vigilância sobre outras mulheres. A divisão social feminina tem papel importante nisso, uma vez que hierarquiza as funções sociais de mulheres, conferindo assimetria entre elas. O jogo de poder imposto às mulheres faz com que Marthas e Esposas, por exemplo, se tornem vigias do comportamento das aias, enquanto Esposas, por poderem se impor sobre Marthas e aias, do comportamento de todas as demais. A vigilância se estende, dessa forma, ao ambiente doméstico, o que garante seu exercício em tempo integral e em todos os espaços, de forma que o comportamento seja sempre vigiado e controlado e a coesão social seja mantida.

Federici (2017) narra o desenvolvimento de um novo ideal de indivíduo na Europa Ocidental após a Reforma Protestante, segundo o qual cada pessoa carrega em si um conflito interior “entre a razão e as paixões do corpo”. O discurso das Tias no processo disciplinatório no Centro se assemelha àquele encontrado na Europa a partir do século XVI; justificando a inserção das aias na instituição de disciplinamento como um meio para domesticar as chamadas

¹⁰“Fazer com que a vigilância seja permanente em seus efeitos, mesmo se é descontínua em sua ação; que a perfeição do poder tenda a tornar inútil a atualidade de seu exercício; que esse aparelho arquitetural seja uma máquina de criar e sustentar uma relação de poder independente daquele que o exerce; enfim, que os detentores se encontrem presos numa situação de poder de que eles mesmo são portadores. [...] Há uma maquinaria que assegura a dissimetria, o desequilíbrio, a diferença. Pouco importa, conseqüentemente, quem exerce o poder.” Ver mais em: FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1987, p. 166 - 167.

“paixões do corpo” e permitir a prosperidade da razão definida por Federici (2017) como “a parcimônia, o senso de responsabilidade, o autocontrole”. No Centro Vermelho, porém, também é exaltada a função da aia, que é vista como um dom divino devido a fertilidade feminina. As aias, portanto, deveriam atentar para domar suas “paixões do corpo” e exaltar as “forças da razão”, pois dessa forma estariam demonstrando gratidão à Deus pelo dom da fertilidade.

Entre os homens as divisões de classe podem ser percebidas pela posição dentro do governo e função social desempenhada. Alguns são membros do governo, como Comandantes, que são muito poderosos, ou médicos. Os demais ocupam cargos no exército, como os Anjos, os Guardiões e os Olhos, ou até mesmo desempenham funções comuns, como vendedores no mercado ou motoristas dos Comandantes. Todos eles, porém, possuem mais poder e liberdade do que qualquer mulher. A alguns são designadas esposas, de acordo com seu desempenho em suas funções e posição social, ou até mesmo uma aia àqueles que detém mais poder.

3.1.1 Hierarquia de Classes de Mulheres em *O Conto da Aia*

Conforme explicado anteriormente, as Tias são as mulheres com mais poder estrutural e institucionalmente. Sua função é de disciplinar as aias no Centro, onde pregam o retorno aos valores tradicionais e doutrinação espiritual. Isso faz com que a posição das aias não seja simplesmente uma função social reprodutiva imposta, mas sim vista como uma missão divina, um destino inescapável e obrigatório pelo qual se deveria ser grata. As Tias são responsáveis por ministrar aulas que ensinam sobre o papel a ser desempenhado, desde o ato sexual compulsório ao qual as aias serão submetidas com os homens, que funciona como estupro institucionalizado, até a maneira certa de se vestir, portar e falar com as Esposas. A Bíblia é sempre o referencial utilizado pelas Tias para justificar o que é feito, mas não é permitido que mulheres a leiam, então passagens convenientes são lidas para as aias e recortadas de contexto com finalidade de justificar os abusos cometidos.

As Tias desempenham também, no entanto, poder disciplinador de operar castigos físicos. Em uma sociedade onde a importância dessas mulheres se restringe exclusivamente a um aparelho reprodutor funcional, o cuidado de seus corpos também só ocorre para garantir a reprodução, dessa forma, castigos físicos mais variados são impostos às aias, com a única condição que não as impossibilite de engravidar. Um exemplo disso é o castigo ao qual Moira foi submetida ao tentar fugir do Centro: foi agredida nos pés até não conseguir mais andar. As Tias são descritas no livro como figuras que impõe medo “Tia Sara e Tia Elizabeth

patrulhavam; tinham agulhões elétricos de tocar gado suspensos por tiras em seus cintos de couro” (ATWOOD, 2017, p. 12), cometendo agressões físicas e psicológicas contra as aias.

As Esposas também são responsáveis pelo controle das aias, porém o desempenham no ambiente doméstico. São mulheres casadas, de classes sociais privilegiadas antes do golpe, geralmente inférteis ou pós idade fértil, que ficam responsáveis pela administração do lar, papel similar ao trabalho doméstico burguês pós-capitalista em nossa sociedade. São mulheres ricas, casadas com homens poderosos ligados ao governo. Devem cuidar para que a aia desempenhe sua tarefa, mas também controlar suas atitudes, para isso podendo se utilizar de qualquer forma de coerção e punição que desejar. A uma Esposa é proibido apenas matar uma aia, o que constitui crime, uma vez que a morte de uma aia é vista como prejuízo para o Estado, perda de mão-de-obra e de seu serviço explorado.

Às mulheres inférteis ou mais velhas que não faziam parte de classes privilegiadas foi dada a posição de Martha, responsáveis pelos cuidados domésticos. Elas devem realizar todas as tarefas do lar, sendo responsáveis pela limpeza da casa, preparo de refeições e cuidado com a aia, o que se converte em mais uma forma de controle. As Marthas devem garantir o bem-estar físico para que as aias se mantenham saudáveis e possam gerar filhos, preparando refeições saudáveis, vigiando a alimentação e a higiene pessoal delas, principalmente nos dias de Cerimônia, o ritual durante o qual a aia deve ter relações sexuais com o homem, seguindo a passagem bíblica destacada anteriormente. As Marthas também cuidam para que aias não se suicidem, inspecionando quartos e evitando deixá-las com objetos que possam facilitar o ato. O suicídio de aias como forma de fuga será analisado posteriormente neste trabalho.

Há ainda as Econoesposas, que desempenham o papel de aias, Marthas e Esposas. São mulheres mais jovens que se tornam esposas de homens que têm certo prestígio social, privilégio que o permita ser casado, que se destaque nos seus serviços, e lhe é designado uma mulher apesar de ele não ocupar uma posição social que lhe permita ter uma aia.

Além das posições instituídas para mulheres dentro da sociedade, há ainda as Não-mulheres, que podem trabalhar nas Colônias – campos de trabalho escravo com alto índice de radiação – ou na Casa de Jezebel, um prostíbulo para Comandantes e chefes de outras nações. Para as Colônias vão as mulheres mais velhas, fisicamente debilitadas ou rebeldes consideradas perigosas. As Colônias são retratadas como local de punição, trabalho escravo e também de extermínio, uma forma lucrativa para o Estado se apropriar do trabalho dessas mulheres e, ao mesmo tempo, exterminá-las, expondo-as a altos níveis de radiação. Da mesma forma, a Casa de Jezebel também é um modo de se apropriar do corpo feminino para retirar dele algum trabalho e depois exterminá-lo, uma vez que as mulheres atuam como prostitutas sem

remuneração, em condições insalubres, são expostas a doenças e drogas, tem uma expectativa de vida baixíssima, ainda que melhor do que as mulheres enviadas às Colônias. A condição das Colônias e da Casa de Jezebel é descrita por Moira, que é mandada para lá:

Nas Colônias as pessoas passam o tempo fazendo limpeza. [...] Os corpos daqueles que vivem nos guetos das cidades são os piores, são deixados expostos aos elementos por mais tempo e ficam decompostos. [...] As outras Colônias, contudo, são piores, há os depósitos de lixo tóxico e a radiação que vaza. [...] De modo que aqui [Casa de Jezebel] estou. Eles nos dão até creme facial. Você deveria arranjar alguma maneira de entrar para cá. Teria três ou quatro bons anos antes que a boceta ficasse gasta e eles mandassem você para o cemitério. A comida não é má e tem bebida e drogas, se você quiser, e só trabalhamos à noite. (ATWOOD, 2017, p. 218-219).

Ambos os lugares são descritos como destino de mulheres consideradas incorrigíveis. No caso das Colônias há também a presença de homens, os “traidores de gênero”, nome dado para homens gays. Mbembe (2016) define a condição do escravo colonial como uma perda tripla: de um lar, com a diáspora, de direitos sobre o próprio corpo e de *status* político, o que ocorre de forma similar com o trabalho escravo nas Colônias, e representa a completa subordinação do indivíduo, o que ele definiu como “expulsão da humanidade de modo geral”. O indivíduo deixado nas Colônias tem valor enquanto trabalho escravo, apesar de representar o corpo cuja vida é menos valorizada – assim como as mulheres na Casa de Jezebel – e, por seu valor de trabalho, é mantido vivo, ainda que sob condições que eventualmente levarão a sua morte. Ao contrário do que ocorre com outras classes na sociedade de Gilead (até a vida de uma aia é protegida), as Colônias são o local no qual o direito de matar se torna absoluto e os indivíduos são completamente desumanizados.

Na cidade há o “muro” que atua como local de espetáculo para o disciplinamento, e também é uma forma de instigar no medo. No muro são enforcadas pessoas que cometem delitos, como homens gays ou mulheres que são pegas lendo. Em uma sociedade altamente controlada, há um grande número de transgressões de forma que apenas o muro não basta como punição e é utilizado majoritariamente para espetáculo. A maior parte das pessoas punidas são enviadas para as Colônias ou, no caso de mulheres jovens, para a Casa de Jezebel. Nesse sentido, o muro atua como um símbolo, um dispositivo de poder que passa uma mensagem aos indivíduos, como um espetáculo punitivista que visa coibir crimes por meio do medo.

3.2 Disciplinamento do Corpo, Sexo e Sexualidade

A vigilância é um dos mecanismos de controle (FOUCAULT, 1987) mais utilizado em “O Conto da Aia” e, aliado com os dispositivos de punição e disciplina, é essencial para a

manutenção da estrutura social. O modo de vigilância na história é eficaz, pois é incerto; não saber quando e onde a observação ocorre faz com que o indivíduo vigie a si mesmo, com um comportamento autoimposto; “de uma forma ou de outra, todos os personagens em “O Conto da Aia” se tornam parte do sistema de vigilância, exemplificando e expondo o panóptico de Foucault enquanto mecanismo disciplinatório”¹¹ (PACHECO PADILLA, 2015, p. 63, tradução nossa).

Os Guardiões, que patrulham as ruas para evitar fugas das aias, são vistos, tendo uma presença notória e todas estão cientes do exercício da vigilância, eles são instrumentos a serviço do governo para cumprir um fim. Já os Olhos, por outro lado, atuam de maneira diversa, são os homens mais poderosos. Os Olhos atuam disfarçados ou realizam ações em suas vans pretas e seus rostos não são vistos, pois estão sempre escondidos por óculos escuros, de forma que representam, na história, um mecanismo de vigilância onipresente e superior a todos, podendo vigiar até mesmo os Comandantes. Por isso são responsáveis por manter a ordem do Estado e garantir o cumprimento efetivo das leis: eles detêm o poder de destruir quem se opuser ou ameaçar o Estado. Por atuarem como dispositivo onipresente de vigilância, como o panóptico (FOUCAULT, 1987), são o grupo mais temido em Gilead. As aias vivem em um estado de auto monitoramento e vigilância uma das outras, o comportamento é causado pelo medo de cometer algum delito ou ser acusada de traição e virar uma Não-mulher.

Além disso, é possível perceber a proibição de contato entre aias como outra forma de controle. No Centro, as mulheres são proibidas de se comunicarem umas com as outras, de forma que criam métodos para tentar trocar informações, como sussurros quase inaudíveis nos dormitórios, passando a mensagem de uma cama para a outra até chegar ao destinatário, ou encontros escondidos em cabines de banheiro (quando conseguem fugir da vigilância das Tias). Fora do Centro, o único momento de contato entre aias é quando vão ao mercado, sempre em duplas, ou em ritos coletivos de parto ou punições. É importante ressaltar, porém, que ir às compras em dupla é uma forma de vigilância mútua, uma vez que a doutrinação de algumas aias foi tão bem-sucedida que elas representam e defendem os valores de Gilead e, como não há contato entre elas, é impossível saber quem são. Portanto, o medo de ser denunciada por outra aia faz com que as tarefas em dupla também atuem como mecanismo de vigilância. Outro

¹¹Texto Original “In one way or another, all characters in *The Handmaid’s Tale* become part of the vigilant system, exemplifying and exposing Foucault’s Panopticism as a disciplinary mechanism.” Vermaiseim: PACHECO PADILLA, Vanessa. *Narrating a way ou of dystopia: voice in Margaret Atwood’s The Handmaid’s Tale*. Tese (mestrado em literatura inglesa) – Universidad de Costa Rica. San Jose, p.63, 2015. Disponível em: <<http://repositorio.sibdi.ucr.ac.cr:8080/jspui/bitstream/123456789/3063/2/Narrating%20a%20way%20out%20of%20distopia.pdf>>. Acesso em: 06 mai. 2019.

ponto também relevante para a proibição do contato é a ameaça da união de aias, já que a organização poderia significar uma rebelião. Pode-se perceber o medo entre as aias no trecho a seguir:

- Bendito seja o fruto – diz ela para mim, a expressão de cumprimentos considerada correta entre nós.
- Que possa o Senhor abrir – respondo, a resposta também correta. Viramo-nos e caminhamos juntas passando pelas grandes casas, em direção à parte central da cidade. Não temos permissão para ir lá exceto em pares. Supostamente isso é para nossa proteção, embora a ideia seja absurda: já somos bem protegidas. A verdade é que ela é minha espiã, como eu sou a dela. Se alguma de nós escapulir da rede por causa de alguma coisa que aconteça em uma de nossas caminhadas diárias, a outra será responsável. (ATWOOD, 2017, p. 22-23).

O Centro de Reeducação Rachel e Lea, ou Centro Vermelho, representa a estrutura física na qual o governo mantém as mulheres para o disciplinamento, mantendo-as presas e sob constante vigilância. O processo de perda de identidade acontece por meio da perda da individualidade: as mulheres no Centro passam a ser um grupo homogêneo, sem nome, além da separação de gênero, que proíbe homens e mulheres de estarem a sós. Em Gilead, uma sociedade teocrática, o regime de verdade passa a ser ditado pela passagem da Bíblia citada anteriormente. É importante ressaltar o recorte dado e a proibição de leitura para mulheres e sua função como mecanismo de controle, uma vez que impede que tenham contato com outras passagens da Bíblia, que poderiam entrar em confronto com o regime de verdade. Nesse sentido o Centro tem papel fundamental para a reeducação das mulheres, sendo a primeira etapa do disciplinamento, já que elas, por viverem em outro regime de verdade anterior ao golpe, precisavam passar pelo processo de doutrina.

O discurso de predestinação divina é muito presente durante as aulas no Centro. As aias são ensinadas sobre sua responsabilidade com o futuro da humanidade, são vistas como escolhidas de Deus para cumprir um propósito – ter filhos. A aia, portanto, representa o sucesso, a mulher que pode engravidar e foi agraciada por Deus, enquanto as Esposas são vistas como fracasso, mulheres muito velhas ou estéreis, que não podem ter filhos, não foram escolhidas e, por isso, a empatia das aias deve se voltar a elas. O discurso de empatia com a situação das Esposas também está presente nas aulas, pois, uma vez que aias tem predestinação divina, devem entender a dificuldade das Esposas em aceita-las e, conseqüentemente, qualquer violência que direcionem às aias deve ser perdoada e compreendida.

Nesse processo a função da aia é distorcida, seu trabalho é visto sob a ótica divina de um dom, e não pelo viés material de exploração sexual da capacidade reprodutiva feminina. Durante o processo no Centro algumas aias de fato incorporam o discurso, mas como Pacheco Padilla (2015) ressalta isso também pode ocorrer como resultado do exercício do biopoder sobre

os corpos na forma de castigos, punições e, até mesmo, ameaças de morte ou de ser tornar uma Não-mulher, portanto a incorporação da doutrina é também uma forma de sobreviver dentro da instituição disciplinatória. Isso demonstra como mulheres se integram a estrutura patriarcal, muitas vezes reforçando-a. Os significados agenciados sobre o papel das mulheres dentro de uma estrutura que as oprime é importante, pois, ao mesmo tempo em que desterritorializa a posição naturalizada da opressão material feminina, mostra a atuação dos dispositivos para inserir mulheres na manutenção da estrutura.

Para realizar a doutrinação, as Tias fazem discursos, sempre ancorados em passagens da Bíblia que são lidas de forma recortada, até mesmo distorcida em alguns casos, e exibem filmes documentários sobre as Não-mulheres e a vida nas Colônias com a finalidade de mostrar as condições degradantes a que são expostas essas mulheres e passar uma mensagem: aquela que não cumprir seu papel e não atuar de maneira satisfatória, terá destino parecido. Um dos documentários exibidos, por exemplo, mostrava uma manifestação de mulheres pela legalização do aborto e Offred vê sua mãe nele – ela foi militante feminista ativa durante toda a vida de Offred.

A exibição dos documentários faz parte do processo disciplinatório, pois expõe comportamentos e atos da sociedade pré golpe que não são aceitos em Gilead e, portanto, passíveis de punição. Também são exibidos filmes pornográficos, que retratam cenas de abuso e violência misógina. Seu objetivo não é censurar a sexualidade retratada, mas sim, devido ao conteúdo violento presente na pornografia, utiliza-lo como representação da sexualidade e das dinâmicas de relacionamentos heterossexuais antes do golpe, mostrando como as mulheres eram abusadas.

Os testemunhos também são amplamente utilizados e ajudam a criar um senso de coletividade no qual todas as mulheres do Centro têm um passado de crimes e pecados que deve ser consertado na instituição, o ato do testemunho é importante por ser coletivo, pois por meio do testemunho de uma, as demais vivenciam as consequências dos erros cometidos no passado, quando mulheres eram livres (PACHECO PADILLA, 2015). Nas sessões de testemunho, as mulheres devem contar histórias trágicas e traumáticas do passado, como ocorre com Janine, um caso de sucesso no processo disciplinatório do Centro. Ela relata um estupro coletivo que sofreu aos 14 anos e o aborto que fez ao descobrir a gravidez. Durante o processo de testemunho, ela é culpabilizada pelo ato, e as Tias usam sua história como exemplo de situações que ocorriam no passado democrático e que não ocorreriam em Gilead, pois as mulheres são tuteladas e protegidas. O testemunho foi essencial para o disciplinamento de Janine, que aceitou a culpa pelo trauma, inclusive repetindo o testemunho diversas vezes; ela se torna, então, um

símbolo de aceitação no Centro, a pecadora redimida que poderá finalmente viver sob a proteção de outros.

Além da culpa pelo estupro – e demais violências sofridas – as mulheres aprendem que Deus permite que tais atos aconteçam para ensinar-lhes uma lição e o modo certo de se comportar. Outra consequência é a forma como as mulheres passam a olhar umas para as outras, como pecadoras que devem ser vigiadas e controladas, o que é uma das maiores garantias de que elas irão agir da maneira esperada após sair do Centro.

Foucault (1999) localiza a sexualidade como uma das principais pautas de controle nas sociedades cristãs, assim como ocorre no livro. A disciplina exigida das aias é mais rígida, seguindo um modelo novo de verdade que, para ser implementado com sucesso, necessitava de um dispositivo de poder, materializado no Centro. O regime disciplinar visa a produtividade, o papel desempenhado pelas aias – gravidez – tem valor social e econômico dentro da sociedade de Gilead, e o meio para viabilizar a realização adequada desse trabalho é o disciplinamento e controle da sexualidade feminina de forma que o sexo seja apenas para procriação e ocorra exclusivamente como parte da Cerimônia, o ritual instituído.

Tanto a exibição de pornografia, quanto testemunhos como o da Janine, passam uma mensagem clara: antes da República de Gilead mulheres eram agredidas, violentadas e humilhadas por homens – e isso era consequência de seu comportamento promíscuo. As cenas de mulheres sendo estupradas, agredidas, espartilhadas e mortas são ligadas ao passado prégolpe. Com o novo sistema, mulheres seriam protegidas de situações de abuso, especialmente as aias, uma vez que são escolhidas divinas para uma missão nobre. Pode-se notar, portanto, a atuação do poder para mudança de discurso e distorção da função da aia – que também é estuprada, porém seu estupro é institucionalizado – já que em oposição à objetificação e violência do corpo feminino na pornografia, há a instrumentação do corpo e da reprodução, a institucionalização de estupro e castigos físicos, tutela do corpo e mente femininos pelo Estado e membros da casa para onde é mandada. Essas violências não ocorrem exclusivamente com aias, mas se estendem a todas as mulheres: Marthas são escravas domésticas, Esposas são submetidas a todas as vontades do marido, subjugadas por eles e também estão expostas a agressões e estupros e Econoesposas, por desempenharem todos os papéis, são alvo de todos os ataques.

A perda do nome no Centro Vermelho e separação por cores de roupa também é essencial para entender o funcionamento do biopoder e dos dispositivos de poder no livro. O nome é uma identidade individual e seu apagamento faz parte do processo de apagamento de

toda a individualidade das aias¹², juntamente com a uniformização das roupas. Foucault (1979) descreve a disciplina como um processo de “inserção dos corpos em um espaço individualizado, classificatório, combinatório” que no livro é o quarto da aia na casa em que mora. O quarto é o espaço da casa onde a aia fica e deve permanecer quando não está desempenhando suas funções, separando-a dos demais moradores. A separação espacial é importante para delimitar os limites das relações, a função de cada indivíduo dentro de sua classe e cercar a liberdade.

Ao sair do Centro, o disciplinamento das mulheres se mantém. O muro é o maior símbolo do poder fora do Centro e, ao contrário do segundo, o muro é universal: serve com dispositivo visual para homens e mulheres que são potenciais transgressores, expondo corpos assassinados dos que não se adequaram ao sistema, espalhando medo, e mostrando de forma concreta as consequências de transgressões. O muro cerca um local em que havia uma universidade antes do golpe, e que no presente narrativo ocorrem cerimônias públicas de punição e assassinato. A instituição de ensino se tornou um dispositivo disciplinar (FOUCAULT, 1987), o que pode ser pensado sob a teoria foucaultiana da educação como parte dos dispositivos de poder e disciplina, que na história é marcado pela transformação da universidade no muro que realiza o espetáculo punitivista. A punição é, portanto, materializada no corpo exibido.

O muro causa medo e repulsa, mas também fascínio. Offred narra suas caminhadas para o mercado com Ofglen – a aia que a acompanha como dupla – e passagens pelo muro. Elas o observam, curiosas para saber quem foi morto e qual crime cometido. A narradora explica seu interesse: para ela os corpos no muro representam um alívio ao ver que quem foi assassinado é um desconhecido, especialmente, ao confirmar que seu marido não está lá, logo, ainda há possibilidade que esteja vivo.

O vocabulário usado reforça o caráter teocrático da sociedade: desde o nome do próprio país – Gilead é uma referência bíblica – até a classificação dos indivíduos. Na citação anterior percebe-se a presença do discurso religioso em expressões utilizadas no dia a dia, como o cumprimento utilizado por Offred e Ofglen ao se encontrar para a caminhada (“bendito seja o fruto”), o que é um lembrete diário do papel da religião na sociedade e da importância de seus ritos. Em uma teocracia, a religião vai além de seu sentido espiritual e torna-se político. Todos os rituais obrigatórios, como execuções públicas de dissidentes políticos, se ancoram no

¹²“Meu nome não é Offred, tenho um outro nome que ninguém usa porque é proibido. Digo a mim mesma que isso não tem importância, seu nome é como o número de seu telefone, útil apenas para os outros; mas o que digo a mim mesma está errado, tem importância sim. Mantenho o conhecimento desse nome como algo escondido, algum tesouro que voltarei para escavar e buscar, algum dia.” Ver mais em: ATWOOD, Margaret. *O conto da aia*. Rio de Janeiro: Rocco, p. 103, 2017.

discurso de vontade divina e necessidade para a prosperidade da nação, isso não só reafirma o regime teocrático, como também reitera o uso das forças coercitivas para a manutenção da ordem e disciplina.

Conforme explicado anteriormente, a leitura é proibida, por isso o principal modo de disseminação de mensagem em Gilead é imagético. A padaria, o mercado, os carros pretos dos Olhos e demais elementos da sociedade são marcados por imagens que os definem, os carros dos Olhos, por exemplo, tem um olho desenhado. O muro também é um meio de transmissão de mensagens e como tal expressa a realidade de controle e punição, disseminando medo e servindo de palco para o espetáculo punitivista.

No meio doméstico há a presença da televisão, no entanto apenas as Esposas e Comandantes podem assistir. Na noite da Cerimônia, enquanto aguarda pelo Comandante na sala, Offred assiste ao noticiário, pois Serena (a Esposa) liga a televisão e vê a guerra religiosa queteoricamente ocorre no mundo, porém, a mensagem passada pelo que se pretende a notícia jornalística mais se assemelha à propaganda e é clara: a guerra é algo externo a Gilead, apesar de sua presença ativa nela, logo, os cidadãos estão protegidos dentro dos limites do Estado e, enquanto permanecerem obedientes, estarão a salvo da guerra.

Michel Foucault (1979) localiza no corpo o local de exercício biopolítico do poder e analisa a medicina como uma estratégia biopolítica de controle do corpo.

Socializou um primeiro objeto que foi o corpo enquanto força de produção, força de trabalho. O controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo. Foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade biopolítica. A medicina é uma estratégia biopolítica. (FOUCAULT, 1979, p. 80).

Conforme ressaltado anteriormente, a aia só tinha valor enquanto a capacidade reprodutiva de seu corpo pudesse ser usada para extração de trabalho. Nesse sentido, a medicina e o cuidado com a alimentação eram essenciais para o Estado, de forma que as aias eram vigiadas em cada refeição e levadas a consultas periódicas em um ginecologista, para atestar sua saúde física e reprodutiva. A ida ao médico tinha como finalidade avaliar as condições da mulher para desempenhar sua função e garantir que ela estivesse apta para tal. Partindo de uma perspectiva da aia como trabalhadora – cujo trabalho é extraído compulsoriamente da capacidade reprodutora feminina – a medicina atua sobre o corpo na medida em que é imposta pelo Estado como modo de avaliação do corpo como instrumento de trabalho e manutenção da capacidade produtiva.

Na cena de ida ao ginecologista narrada no livro é possível perceber não só a instrumentalização do corpo, mas também falhas no sistema e corrupção. Nela, o médico afirma que a saúde de Offred está adequada e se oferece para engravidá-la – ato punido com morte:

– A maioria desses velhos não consegue mais ter uma ereção e ejacular – diz ele. – Ou então estão estéreis.

Eu quase engasgo de espanto: ele disse uma palavra proibida. *Estéril*. Isso é uma coisa que não existe mais, um homem estéril não existe, não oficialmente. Existem apenas mulheres que são fecundas e mulheres que são estéreis, essa é a lei. (ATWOOD, 2017, p. 57, grifo da autora).

A transgressão e a corrupção estão inscritas nas instituições do governo. No entanto, Offred nega a oferta por medo de ser descoberta e sentenciada a morte e, ainda que, como a própria narradora avalia, dificilmente a transgressão fosse ser descoberta, a autovigilância e desconfiança em relação ao médico ser um Olho são notórias. É interessante avaliar os efeitos do processo disciplinatório do Centro. A punição seria aplicada igualmente para Offred e o médico – ambos seriam sentenciados à morte – no entanto, devido ao disciplinamento dela no Centro, seu comportamento é mais marcado pelo medo e pela vigilância que o do médico, que detém diversos privilégios que não localizam o corpo dele como alvo de punição e controle.

A punição, portanto, isoladamente, não cumpre papel de controle social, mas aliada com os demais dispositivos de controle, consegue manter a coesão do sistema. Além disso, em uma sociedade teocrática centrada no controle sexual (FOUCAULT, 1979) o controle do corpo e da sexualidade feminina são essenciais. Essa cena mostra que, para além do objetivo disciplinatório de regulação do trabalho sexual, o controle do corpo feminino foi essencial para a coesão de toda a estrutura, uma vez que não só impede a união de classe das aias e outras mulheres, evita crimes e rebeliões, mas também impede associações com homens e membros do governo que sejam possivelmente corruptos.

Outra transgressão por membros do governo narrada no livro é o envolvimento do Comandante com Offred. Por lei, eles não podem ficar a sós ou ter qualquer tipo de envolvimento fora da Cerimônia, porém, uma noite, o Comandante pede que Nick, seu motorista, chame Offred a seu escritório – local proibido para mulheres. Inicialmente ela pensa em recusar por saber que estaria infringido a lei, mas tem medo do Comandante e, ao concluir que qualquer opção é um risco para sua vida, decide ir. Nos primeiros encontros eles apenas conversam, jogam e ele permite que Offred leia algumas revistas, mas, conforme começam a se encontrar mais vezes, ele a beija e se insinua sexualmente. Um dia, na tentativa de estar a sós com ela, o Comandante consegue leva-la a Casa de Jezebel, disfarçada como prostituta do

lugar, onde pode força-la a manter relações sexuais com ele¹³. Diferentemente do primeiro caso, Offred não pode negar o convite do Comandante, ainda que tenha medo das punições.

Ambos os exemplos citados anteriormente – a oferta do médico e a convocação ao escritório do Comandante – representam situações que infringem as leis de Gilead e ativam os mecanismos de vigilância de Offred. No primeiro caso, porém, ela tem opção de negar, enquanto no segundo, não, uma vez que desobedecer a uma ordem do Comandante representaria tanto risco quanto ser pega, ou até mais, o que a leva a cometer o crime e contrariar sua autovigilância.

O relacionamento de Offred com Nick, o motorista, também representa uma infração nas leis de Gilead. No capítulo seguinte, serão analisadas as formas de resistência individuais – como o suicídio de aias e tentativas de fugas – e coletivas, como associação de mulheres no movimento dissidente *Mayday* e o relacionamento de Offred com Nick, que será abordado sob uma lógica de retomada do próprio corpo contra o poder (FOUCAULT, 1979).

¹³ No livro, a cena em questão e as Cerimônias não são narradas como estupro, no entanto, por compreender o ato como compulsório e obrigatório, a impossibilidade de negá-lo o qualifica como tal. Não é dada a possibilidade de consentimento, no caso da Cerimônia devido à institucionalização do ato, e, no caso do estupro na Casa de Jezebel devido à relação de poder existente entre eles, a mesma que a impede de negar o primeiro encontro no escritório. Por isso, todo ato sexual entre Comandantes e aias será considerado estupro.

4 A ATUAÇÃO POLÍTICA DOS CORPOS CONTROLADOS E AGENCIAMENTOS DE SIGNIFICADOS: RETOMADA DO CORPO E PRÁTICAS DE RESISTÊNCIA

“O movimento do corpo sobre si mesmo e a escavação de nossas ruínas é, por isso, um gesto político, porque reescreve a memória coletiva.”

(Cíntia Guedes)

Ao longo do livro o presente de Offred (Gilead) é contraposto com seu passado pré golpe, no qual ela vivia uma vida normal com os direitos civis enquanto mulher assegurados, pelo menos juridicamente. São apresentados ao leitor diversos aspectos da subjetividade da protagonista: sua relação conflituosa, porém amorosa, com a mãe militante feminista, seu casamento com Luke, sua relação com a filha e a amizade com Moira. Em forma de memórias, Offred relembra diálogos e momentos analisando suas relações desde como ela lidava com a politização da mãe— há uma passagem que ajuda a entender a relação das duas e os conflitos entre ambas¹⁴ –, até sua relação com Luke e a maneira como ele agiu quando a retirada de direitos começou.

É interessante analisar a relação de Offred com sua mãe ativista, cujas ações ela só passa a compreender totalmente após o golpe. Quando criança, Offred tinha ciúmes, até vergonha, da militância da mãe. Ciúmes de sua dedicação e atenção que dava às companheiras de luta, sentia-se trocada pela política, e, na adolescência, sua relação é narrada com embaraço, pois ela desejava que a mãe fosse como as demais, normal, despolitizada e focada em rotinas maternas. Além das memórias revisitadas, evocadas em momentos como ao assistir um documentário sobre Não-mulheres no Centro e identificar sua mãe em uma passeata, ou perceber cheiros na cozinha que despertam sua nostalgia, Offred sonha com a mãe, lembrando o passando.

No livro, ao lembrar, Offred também faz as pazes com o passado e ressignifica aquilo que para ela, antes, era motivo de conflito: o ativismo político da mãe. Ela só consegue compreender inteiramente o valor da luta quando se percebe em uma situação de opressão extrema. “O Conto da Aia”, por visitar o passado e mostrar perspectivas diferentes da mesma personagem sobre certo fato, é preciso ao permitir múltiplos agenciamentos sobre a situação

¹⁴“Vocês jovens não dão valor às coisas, dizia. Não sabem as coisas por que tivemos que passar, só para conseguir que vocês chegassem onde estão. Olhe só para ele [Luke] cortando as cenouras. Vocês não sabem quantas vidas de mulheres, quantos *corpos* de mulheres os tanques tiveram que passar por cima só para chegar a este ponto? [...] Eu admirava minha mãe em alguns sentidos, embora as coisas entre nós nunca fossem fáceis. Achava que ela tinha um excesso de expectativas, esperava demais de mim. Esperava que eu justificasse sua vida para ela, e as escolhas que havia feito.” Ver mais em: ATWOOD, Margaret. *O conto da Aia*. Rio de Janeiro: Rocco, p. 148-149, 2017.

das mulheres no livro (BAROSSO, 2017), que muito se assemelha com a realidade material de iminência frequente de perda de direitos femininos.

O livro apresenta uma situação que gera um conflito – a mãe militante, que prioriza sua própria autonomia e atuação política e não se submete a uma maternidade domesticada, em conflito com sua filha que deseja atenção e vivenciar a relação tradicional de mãe e filha, a maternidade “normal”. Ao revisitar seu passado Offred narra os embates que tinha com a mãe, seja como mulher adulta casada com Luke (que a mãe considerava machista e insuficiente para a filha), ou em sua juventude e infância quando se ressentia dos posicionamentos dela, e, passa a entender e enxergar a luta da mãe sob outra perspectiva, a partir de um exercício comparativo entre a luta da mãe e a realidade em Gilead.

Atwood (2017) possibilita, com isso, o diálogo com dois tipos de leitores: aquele que está familiarizado com o ativismo político e o compreende como instrumento legítimo de luta, reivindicação de direitos e barreira contra retrocessos; e o leitor a quem o ativismo é estranho, até mesmo ilegítimo. Resgatando o conceito de paralaxe diacrônica do estranhamento (BAROSSO, 2017), apresentado no segundo capítulo deste trabalho, pode-se argumentar que a construção narrativa de “O Conto da Aia” permite agenciamentos não só sobre as violências misóginas e o disciplinamento de corpo citados no capítulo anterior, mas também sobre formas de luta e resistência política.

A atuação política feminista e suas diversas pautas, como a legalização do aborto ou reivindicação de segurança e políticas públicas contra violência sexual, estão inseridas no regime de verdade capitalista patriarcal, não como lutas legítimas pela emancipação de uma classe, mas como desordem, exagero, ou até mesmo abandono do lar, conforme fica implícito do livro quando narrado pela perspectiva juvenil de Offred. Atwood apresenta essa significação que está inscrita no regime de verdade na narração da personagem sobre seu passado e, paralelamente, agencia novos significados na medida em que, ao mostrar a mudança no sistema político, mostra outra compreensão da personagem sobre ativismo político da mãe. O livro, em um primeiro momento, dialoga com o leitor a quem o movimento feminista causa estranhamento, que se reconhece no incômodo de Offred e, gradualmente, inicia um outro diálogo com o leitor que entende o feminismo como movimento político legítimo, também por meio da narrativa da personagem, de forma que oferece ao primeiro tipo de leitor outras possibilidades de agenciamento.

A desterritorialização das personagens – Offred enquanto aia e mulher silenciada posicionada como protagonista e narradora, e de sua mãe, de mulher negligente alvo do ressentimento da filha para exemplo de luta e resistência – é essencial para esse efeito de

agenciamento narrativo. A partir da amplificação das violências já sofridas por mulheres no real¹⁵ é possível agenciar significados sobre a gravidade das violações de direitos femininos que são naturalizadas e justificadas, muitas vezes por discursos religiosos, como ocorre com a criminalização do aborto, pois as personagens deixam de ser o Outro e se tornam sujeitos de si, com sua subjetividade evidenciada e os efeitos traumáticos dessas violências expostos. Dessa forma, a percepção das opressões sofridas, por se apresentarem como um espelho do real, atuam como fator legitimador das lutas, como ocorre no livro: o ativismo da mãe que antes não era inteiramente compreendido, passa a ser a partir da experiência traumática de vivência das agressões, o que, para o leitor, pode também se traduzir em agenciamentos que permitam a compreensão das lutas feministas do real e necessidade de defesa de suas pautas.

A aceitação de Offred do ativismo da mãe fica clara em uma passagem na qual ela relembra o passado, uma situação que viveu na adolescência, na qual sua mãe volta para casa, com um hematoma no rosto, junto com outras ativistas. Ela narra a forma como se sentiu na época: rejeitada pela mãe que parecia dar mais atenção para a conversa com as outras mulheres e os protestos do que a ela, e desejosa que a mãe seguisse o roteiro social de maternidade; “mas eu também queria dela uma vida mais cerimoniosa, menos sujeita expedientes e retiradas repentinas” (ATWOOD, 2017, p. 261), e, após falar sobre como se sentia na época, retorna ao presente analisando a relação e elas tiveram:

Mãe nenhuma jamais corresponde, completamente, à ideia de uma filha do que a mãe deveria ser, e imagino que isso também seja verdade no sentido inverso. Mas, apesar de tudo, não nos saímos mal uma com a outra, nos saímos tão bem quanto a maioria. Gosta que ela estivesse aqui, para que eu pudesse lhe dizer que finalmente sei disso. (ATWOOD, 2017, p. 261)

Por meio da aceitação da relação entre ambas e de seus conflitos, que eram majoritariamente sobre a militância política da mãe, Offred aceita também sua mãe enquanto mulher, indivíduo que luta pela própria emancipação e, finalmente, entende o valor da luta dela. “Apesar de admitir as diferenças entre seus ideais e os de sua mãe, o desejo de Offred de tê-la de volta é uma forma de reconhecimento da luta da mãe¹⁶” (PACHECO PADILLA, 2015

¹⁵Ao utilizar o Brasil como exemplo é possível entender a urgência do debate. Em um país no qual até o presente momento (2019) o direito de aborto é negado às mulheres e o controle reprodutivo é rígido a história do livro permite um movimento de cognição e identificação com o controle do corpo e da sexualidade, seu questionamento e agenciamentos que desnaturalizam essas violências.

¹⁶Texto Original “Even though Offred admits the differences between her ideals and her mothers’s, Offred’s desire to have her back is her way of acknowledging her mother’s struggle.” PACHECO PADILLA, Vanessa. *Narrating a way out of dystopia: voice in Margaret Atwood’s The Handmaid’s Tale*. Universidad de Costa Rica. San Jose, 2015. Disponível em: <<http://repositorio.sibdi.ucr.ac.cr:8080/jspui/bitstream/123456789/3063/2/Narrating%20a%20way%20out%20of%20dystopia.pdf>>

p. 194, tradução nossa). A partir dessa desterritorialização de personagens e novas perspectivas, o leitor pode produzir novos agenciamentos sobre as formas de atuação política e atos de resistência.

Além da relação com a mãe, a narrativa do passado contempla outros aspectos da vida e subjetividade da protagonista. Em *flashbacks*, Offred conta sobre seu trabalho, seu momento de saída da faculdade, mudança de apartamento e início de carreira trabalhando em uma biblioteca. Nas passagens é nítido o interesse da personagem pelo estudo e conhecimento, o que se torna mais um aspecto podado após o golpe. A proibição da leitura e o impedimento do acesso de mulheres ao mercado de trabalho se mostra mais amplo do que uma forma de controle e cerceamento de liberdades, é também uma forma de castrar a subjetividade, especialmente de mulheres independentes, que seriam mais difíceis de serem disciplinadas dentro do novo sistema.

Moira, amiga de Offred, é um exemplo disso, suas fugas do Centro e destino final como prostituta na Casa de Jezebel mostra a dificuldade de adequar certos corpos ao novo regime. Antes do golpe era uma mulher lésbica com consciência política e, como tal, um corpo dissidente mais difícil de domesticar. Ela tentou fugir do Centro Vermelho duas vezes, sendo rapidamente descoberta na primeira e levada de volta ao Centro, onde foi punida, enquanto na segunda tentativa conseguiu ficar alguns meses na clandestinidade antes de ser pega. Moira foi descoberta pelos Olhos e considerada incorrigível, de forma que não poderia mais retornar ao Centro. Durante sua captura, foi torturada e obrigada a assistir um documentário sobre Colônias que mostrava as condições às quais as pessoas eram submetidas. Após a tortura, deram-lhe uma “escolha”: ir para as Colônias ou tornar-se uma prostituta na Casa de Jezebel.

Tal escolha em muito se assemelha às condições de mulheres – inclusive transexuais – que são empurradas para a prostituição na contemporaneidade por ser a única forma de sobreviver dentro da estrutura capitalista, transformando o corpo e o sexo em uma mercadoria e, conseqüentemente, objetificando-as. Apesar da relação sutil, é possível ao leitor pensar e desterritorializar a posição de mulheres em situação de prostituição e das problemáticas que envolvem inscrever o corpo na lógica mercantil do capital, especialmente corpos naturalmente violentados pela estrutura patriarcal como ocorre com tais mulheres, sejam cisgênero, devido ao sexo biológico, sejam transgênero, que, por não estarem em conformidade com o gênero socialmente construído, são marginalizadas.

Apesar da aparente escolha, como a própria Moira, então subjugada, afirma ter tido, o regime totalitário ao se utilizar de tortura para fabricação do medo e terror não lhe dá escolha alguma (PACHECO PADILLA, 2015), mas sim impõe um destino, e ela é forçada a se

prostituir na Casa de Jezebel. Durante sua primeira fuga no Centro, Moira se torna um exemplo de resistência para todas, ainda que tenha sido pega, sua tentativa bem-sucedida representa algo que até então as outras mulheres pensaram ser impossível: fuga do Centro e possibilidade de liberdade. Mesmo Moira, que é narrada como alguém que resiste ao regime totalitário é apontada, em seu último encontro com Offred, como um corpo controlado dentro da posição de prostituta, destituída de sua subjetividade e das características que antes possuía. A Casa de Jezebel é uma instituição regulada pelo Estado, com as Tias encarregadas de manutenção e controle sobre as mulheres. O governo, portanto, se utiliza do corpo e da sexualidade feminina, não mais para a procriação como aia, mas para o prazer sexual masculino, ambos de forma compulsória e violenta (PACHECO PADILLA, 2015).

– Moira – digo. – Você não está falando sério. – Ela agora está me assustando, porque o que ouço em sua voz é indiferença, uma falta de volição. Então, será que realmente fizeram isso com ela, tiram-lhe alguma coisa, o quê? Que costumava ser parte tão essencial dela? [...] Moira dá de ombros de novo. Poderia ser resignação. (ATWOOD, 2017, p. 219)

A história de Moira evidencia os diversos dispositivos de poder que atuam para o disciplinamento do corpo feminino, mostrando que o Centro Vermelho, apesar de ser a principal instituição para domesticação de mulheres que se tornarão aias, não era o único usado para disciplinamento dos indivíduos. A tortura a que foi submetida pelos Olhos e sua inscrição em um sistema assassino por meio das Colônias, principal mecanismo do Estado para criação de medo, são outras formas de atuação do poder. A perda da subjetividade, para Moira, ocorre tão intensamente que ao final do livro, mesmo havendo sido inicialmente narrada como uma dissidente, é domesticada e disciplinada. Sua prostituição na Casa de Jezebel foi essencial para a perda da identidade, uma vez que foi obrigada a assumir uma personagem, o que pode ser percebido pela forma como ela está vestida ao se encontrar com Offred – ela utiliza uma fantasia animalesca que lhe foi designada e a destitui de sua humanidade.

A perda da subjetividade foi, portanto, essencial para a implementação da República de Gilead, que enquadrou os corpos femininos dentro de instituições como o Centro, da Casa de Jezebel e, até mesmo, os próprios lares, chefiados por Comandantes ligados ao governo. No entanto, mesmo nesse cenário, foi possível notar formas de resistência, desde retomada do corpo para resgate da subjetividade à organização política.

4.1 Nolite te Bastardes Carborundorum e o Convite à Resistência

Nolite te bastardes carborundorum é uma expressão em latim que simboliza a resistência das aias em Gilead. Logo após ter sido enviada para a casa do Comandante, Offred faz uma inspeção em seu novo quarto durante os primeiros dias, explorando cada parte para conhecê-lo. No terceiro dia, ela se dedica a explorar o armário, observa que nas paredes internas há ganchos de latão e se questiona do motivo de não terem sido removidos¹⁷, abordando o suicídio como uma realidade possível ao longo do livro, o que será analisado posteriormente. Ao se ajoelhar para inspecionar o piso do armário, Offred se depara com a frase *Nolite te bastardes carborundorum* riscada no canto, palavras que ela não entende, mas representam a aia que esteve ali antes dela e a dão a sensação de pertencimento a uma classe.

Não sabia o que significava e nem sequer em que língua estava escrito. Pensei que talvez fosse latim, mas eu não sabia nada de latim. Apesar disso, era uma mensagem, e a mensagem era por escrito, proibida exatamente por esse fato, e não tinha sido descoberta. Exceto por mim, para quem era destinada. Era destinada a quem quer que viesse a seguir. [...] Por vezes repito as palavras para mim mesma. Elas me dão uma pequena alegria. (ATWOOD, 2017, p. 51)

A frase, subversiva simplesmente por existir como mensagem escrita em um contexto no qual a leitura e a escrita eram proibidas, é um lembrete de que existem outras mulheres na mesma condição¹⁸ que resistem e mantêm sua subjetividade, e evidencia um corpo, que por infringir normas, se mostra subversivo mesmo após ter sido inserido nas instituições disciplinares e submetido ao controle biopolítico. O significado da frase só é compreendido posteriormente e reforça o caráter da mensagem como convite à resistência e retomada de poder.

Após alguns encontros com o Comandante no escritório dele, Offred começa a ter mais abertura para fazer perguntas e conversar. Em uma noite resolve perguntar a respeito do significado da frase, uma vez que percebe que o Comandante tem diversos dicionários em seu escritório, acredita que eles possam procurar o significado. No entanto, descobre que a frase era, na verdade, uma piada criada pelo próprio Comandante e seus amigos de escola durante as aulas de latim, cujo significado é “não deixe que os bastardos esmaguem você”, com isso, Offred percebe que a aia que escreveu a frase no armário aprendeu com o Comandante, ou seja, ela também manteve a mesma relação com ele, infringindo as leis que proíbem contato entre ambos. Offred diz para o Comandante que conheceu a aia anterior e pergunta o que

¹⁷Por que não os removeram? Ficavam próximos demais do assoalho? Mesmo assim, uma meia longa é tudo o que se precisa.” Ver mais em: ATWOOD, Margaret. *O conto da aia*. Rio de Janeiro: Rocco, p. 65, 2017.

¹⁸“Rezo silenciosamente: *Nolite te bastardes carborundorum*. Não sei o que significa, mas me soa correto apropriado, e terá que servir, porque não sei mais o que dizer a Deus.” Ver mais em: ATWOOD, Margaret. *O conto da aia*. Rio de Janeiro: Rocco, p. 111, 2017

aconteceu com ela, descobrindo, dessa forma, que ela havia cometido suicídio, se enforcando no lustre.

A partir da compreensão do sentido da frase, seu simbolismo enquanto forma de resistência torna-se mais concreto: não só representa uma subversão pela forma escrita, mas também por ser uma mensagem que convida à resistência e tomada de consciência de classe – por meio do reconhecimento de outra aia como vítima das mesmas opressões que ela.

4.2 Resistência Organizada e Retomada do Corpo

Conforme explicado anteriormente, uma das formas de controle fora do Centro Vermelho era a formação de duplas para realizar as caminhadas diárias da aia, com idas ao mercado e açougue, com objetivo de vigilância. Ofglen é designada com dupla de Offred e durante algum tempo as duas mantêm uma relação essencialmente fria e distante, raramente se comunicando e, quando o fazem, utilizando as frases religiosas consideradas corretas para cumprimentos (“bendito seja o fruto”). Elas desconfiavam uma da outra e acreditavam que a parceira estava inserida no regime, com o processo de domesticação realizado com sucesso.

Após algumas caminhadas elas começam a se sentir mais confortáveis uma com a outra e arriscam uma conversa que seria considerada subversiva¹⁹, o que gera confiança entre elas a partir da percepção de que ambas resistiram ao processo de perda de subjetividade no Centro Vermelho e permanecem, ainda que apenas a nível individual, resistentes as ideologias de Gilead. Outro ponto importante é a superação do medo imposto sobre as mulheres e da desconfiança uma das outras. Ainda que arriscada, a postura das aias confirma o que foi argumentado anteriormente: o relacionamento, a comunicação e, conseqüentemente, a associação entre aias são perigosos para o Estado, uma vez que permitem o questionamento da estrutura social e leva a tomada de consciência de si e das outras enquanto classe, grupo de mulheres oprimidas dentro do regime, que se sustenta justamente na exploração e extração de determinado trabalho sobre esses corpos.

Ofglen conta a Offred que existe uma rede de mulheres se organizando e dividindo informações sobre Gilead – chamada *Mayday*– e pede a ela, ao descobrir sobre seus encontros com o Comandante, que descubra o máximo de informações possível e as compartilhe. A vontade de compreender a realidade e o interesse por conhecimento é um dos aspectos

¹⁹– “Você acha que Deus escuta – diz ela. – estas máquinas? – Ela está sussurrando: nosso costume no Centro. No passado esse teria sido um comentário bastante trivial, uma espécie de especulação acadêmica. Agora, nesse momento, é traição.” Ver mais em: ATWOOD, Margaret. *O conto da aia*. Rio de Janeiro: Rocco, p. 201, 2017.

importantes da vida de Offred antes do golpe, que foi podado pelo Estado; e o contato com Ofglen não representa apenas a possibilidade de união e organização política, mas também de compreensão da realidade na qual se insere e obtenção de informações sobre ela. A importância de saber o que estava de fato acontecendo em Gilead fica clara em diversas passagens do texto, mas especialmente durante uma conversa entre Offred e o Comandante, na qual ele a questiona sobre o que ela quer. Mesmo com múltiplas possibilidades de pedidos, desde objetos proibidos, como cigarros ou qualquer facilitação material, o que Offred pede é informação; ela deseja saber o que realmente está acontecendo em Gilead.

O contato com Ofglen possibilita, portanto, o resgate de interesses e desejos subjetivos, como a necessidade de compreensão da realidade. Além disso, Offred se mostra nostálgica ao pensar no ativismo político da mãe e de Moira, que ela não considerava importante antes do golpe, mas passa a entender e valorizar posteriormente, e a relação com Ofglen também representa a possibilidade de resgate do passado de militância das mulheres que aparecem como símbolo de resistência em seu imaginário durante todo o livro e lhe dá esperança em possibilidades de luta e operação de mudanças concretas na realidade material por meio da organização política.

A esperança representada por Ofglen, porém, não resiste aos dispositivos de poder: ao sair para encontrá-la em uma manhã, Offred percebe que ela havia sido substituída por outra aia e, ao questionar o que aconteceu, descobre que ela havia se suicidado ao ver uma van dos Olhos na entrada de sua casa. Offred retorna, então, ao seu estágio inicial de hipervigilância e medo, porém agora ela havia resgatado aspectos importantes de sua subjetividade, descoberto a existência de uma rede de resistência feminina coletiva maior que um único indivíduo – Ofglen – e iniciado um processo de retomada do próprio corpo.

Se o corpo é terreno de disputa de poderes e é sobre ele que os dispositivos de poder atuam para manter coesão social, então, para operar mudanças materiais na realidade, resistir às opressões e lutar contra as estruturas de poder é necessário que haja a retomada do corpo, uma vez que ele é o instrumento de luta. Michel Foucault (1979) argumenta que o investimento do poder sobre o corpo, ao mesmo tempo em que é um exercício de disciplinamento, se torna motivo para a reivindicação do corpo contra o poder pelos sujeitos. A teocracia de Gilead é estruturada sobre a objetificação do corpo feminino e seu uso mecânico para a produção de trabalho: doméstico, reprodutivo ou sexual, e como tal se torna terreno de disputa entre homens e mulheres no patriarcado de Gilead. A desidentificação com o próprio corpo é essencial nesse

processo e é narrada por Offred²⁰ no livro, ela tem dificuldade para olhar para o próprio corpo, pois não consegue compreendê-lo como parte de si. O primeiro símbolo de perda de identidade no livro é a mudança do nome. A proibição de uso do nome anterior ao golpe é uma forma de retirar a identidade do sujeito e, aliado ao novo nome dado à aia, que denota sua posse por algum homem, opera a objetificação do corpo e seu uso mecânico para cumprir finalidades específicas.

A retomada do corpo inicia-se justamente pelos processos por meio dos quais o poder se manifesta. A Cerimônia, as idas ao escritório do Comandante, ao médico e até mesmo à Casa de Jezebel, permitem o reconhecimento do corpo a partir da consciência do que ocorre com ele, aos abusos e violências as quais é submetido, e despertam o desejo de retomada autônoma. Cíntia Guedes, em seu texto “Des(en)terrorar o Corpo”, 2016, faz um exercício de retomada do próprio corpo por meio do resgate da memória. Ao longo do texto relembra o passado e, ao compreender sua história enquanto mulher negra, entende os processos socio-históricos e heranças coloniais, que atravessam seu corpo individualmente, mas que estão atrelados a uma realidade material histórica coletiva que deve também ser reconhecida. Como ressaltado anteriormente neste trabalho, o livro peca na representação de raça, não a abordando, como se fosse irrelevante na estrutura social de Gilead. O exercício de recuperação da identidade e subjetividade praticado por Guedes em seu texto, porém, evidencia a importância da recuperação individual para a compreensão e tomada de consciência de classe enquanto coletividade. Só é possível entender a própria localização dentro da estrutura ao olhar para si e enxergar-se nela, o que é feito por um processo de reconexão com o corpo e a subjetividade outrora captura.

Federici, por outro lado, argumenta a impossibilidade de retomada do corpo como forma de libertação feminina:

Se o corpo feminino – como discuto neste trabalho – é um significante para o campo das atividades reprodutivas que foi apropriado pelos homens e pelo Estado e convertido em um instrumento de produção de força de trabalho (com tudo aquilo que isso pressupõe em termos de regra e regulações sexuais, cânones estéticos e castigos), então o corpo é o lugar de uma alienação fundamental que só pode ser superada com o fim da disciplina-trabalho que o define. (FEDERICI, 2017, p. 7).

A compreensão do corpo como local de alienação não exclui, porém, sua importância enquanto instrumento de luta. Guedes (2016) ressalta a retomada do corpo como uma forma de

²⁰“Eu costumava pensar em meu corpo como um instrumento de prazer, ou um meio de transporte, ou um implemento para a realização de minha vontade. Eu podia usá-lo para correr, para apertar botões, deste ou daquele jeito, fazer coisas acontecerem. Havia limites, mas meu corpo era, apesar disso, flexível, púnico, sólido, parte de mim.” Ver mais em: ATWOOD, Margaret. *O conto da aia*. Rio de Janeiro: Rocco, p. 90, 2017.

entendimento da realidade material coletiva a partir do individual, utilizando seu exemplo pessoal de mulher negra para isso. Federici(2017) critica a perspectiva de retomada de corpo como forma de mudança da realidade, o que de fato, por si só, não altera as bases materiais nas quais se ancora um Estado. No entanto, tomando a alienação da subjetividade como uma das formas de atuação dos dispositivos de poder para a disciplina e manutenção da ordem, argumenta a importância da retomada do corpo, não como um ato revolucionário com um fim em si mesmo, mas sim como forma de reapropriação do corpo enquanto espaço de disputa de poder e conscientização a partir da qual a atuação política pode ocorrer e também as tentativas concretas de operar mudanças no real.

Essa retomada, isoladamente, não anula os atravessamentos do poder no corpo, nem altera a natureza objetificada do corpo na narrativa, como veremos a seguir a partir da análise do relacionamento de Offred e Nick, mas lhe dá outros sentidos para além de um mero objeto do qual se extrai trabalho. Sentidos esses que permitem a consciência sobre si e a utilização do corpo não mais apenas como instrumento de produção de trabalho, mas também como instrumento para protagonizar as lutas necessárias para operação de mudanças materiais. Em acordo com a proposição de Federici (2017), o corpo de Offred continua servindo para produção de trabalho, porém, alargando a perspectiva materialista, sua retomada simboliza também a tomada de consciência sobre os dispositivos de poder que operam sobre ele e, com isso, ainda que materialmente a retomada do corpo não opere mudanças na realidade – Offred continua sofrendo as mesmas opressões, abusos e violências – permite a retomada da autonomia necessária para utilizar o corpo como instrumento de luta.

A partir do entendimento da perda de subjetividade e da inscrição do corpo no Centro Vermelho como a primeira forma de alienação do corpo, sua retomada é também a primeira forma de resistência, a partir da qual é possível a tomada de consciência de classe e, aliada à organização coletiva, a construção de realidades materiais alternativas. As formas de resistência protagonizadas por Offred na série, tirando sua contribuição para o movimento *Mayday*, ocorrem a nível individual, passando, sobretudo, pela reapropriação do corpo. Isso não invalida a importância da disputa pelo poder sobre o corpo, apesar de compreendê-la não como ato revolucionário, mas sim como reforma necessária que possibilita os atos propriamente revolucionários e coletivos.

Uma das formas de reapropriação do corpo é o campo afetivo e sexual autônomo, negado às aias. Offred inicia um relacionamento com Nick, o motorista do comandante, e, apesar de representar um resgate de sua afetividade e sexualidade, essa relação começa

nointerior das relações de poder. Offred e Nick já haviam flertado anteriormente²¹, quando ele a informava de que o Comandante queria encontra-la, e ela já havia narrado seu desejo por ele em outros momentos do livro²², porém, a relação se inicia a partir de um pedido de Serena, a Esposa.

Assim como o médico que atende Offred na série, Serena reconhece a possibilidade de esterilidade do Comandante e, igualmente, faz uma proposta a Offred que viola as leis de Gilead: que ela tenha relações sexuais com Nick na tentativa de engravidar dele. Da mesma forma que a proposta do médico, a de Serena também é uma demonstração de poder, pois mesmo sendo mulher, sem direitos civis, e estando submetida à vontade de homens, ela considerar infringir leis como uma possibilidade para atingir o que deseja aponta para um processo disciplinatório menos agressivo que o sofrido pelas aias, por exemplo. Isso porque tal atitude demonstra que ela tem menos medo e é muito menos vigilante sobre a consequência de seus atos.

Na passagem a seguir, recortada do trecho do livro no qual a Esposa sugere que Offred tenha relações sexuais com Nick, fica claro o contraste entre o medo de Offred e a segurança de Serena:

– Sabe que não posso – digo, com cuidado para não revelar minha irritação. – É contra a lei. Sabe qual é a penalidade.
 – Sim – diz ela. Está pronto para isso, pensou em todos os aspectos. – Sei que você não pode oficialmente. Mas se faz. Mulheres fazem com frequência. O tempo todo [...]– É um risco – digo. – Mais que isso. – É a minha vida em jogo; mas é onde ela estará mais cedo ou mais tarde, de uma maneira ou de outra, quer eu faça ou não. Ambas sabemos disso. (ATWOOD, 2017, p. 179).

Considerando-se que o contato entre Offred e Nick foi intermediado por Serena para satisfazer seu próprio desejo de ter um filho e as relações estruturais existentes entre os sexos em Gilead, é notório que o relacionamento deles é atravessado por relações desiguais de poder entre ambos, porém, mesmo após o primeiro contato sexual, intermediado por Serena, Offred optou por continuar se encontrando com ele²³. A importância do relacionamento deles reside

²¹“É Nick, posso vê-lo agora; ele saiu do caminho, foi para o gramado, para respirar o ar úmido que fede a flores, a crescimento carnudo, o pólen lançado ao vento aos punhados, como ostras desovadas no mar. Toda essa pródiga procriação. Ele se espreguiça no sol, sinto o ondular de músculos percorrer seu corpo inteiro, como as costas de um gato se arqueando. Está em mangas de camisa, os braços nus se estendendo despidamente para fora do tecido enrolado. Onde acaba o bronzeado?” Ver mais em: ATWOOD, Margaret. *O conto da aia*. Rio de Janeiro: Rocco, p. 217, 2017.

²²“Ele para, olha para cima para esta janela, e posso ver o alongamento branco de seu rosto. Nick. Olhamos um para o outro. Não tenho nenhuma rosa para jogar, ele não tem nenhum alaúde. Mas é o mesmo tipo de fome [...]Você não pode controlar o que sente, disse Moira certa ocasião, mas pode controlar como se comporta.” Ver mais em: ATWOOD, Margaret. *O conto da aia*. Rio de Janeiro: Rocco, p. 231, 2017.

²³“Ele para, olha para cima para esta janela, e posso ver o alongamento branco de seu rosto. Nick. Olhamos um para o outro. Não tenho nenhuma rosa para jogar, ele não tem nenhum alaúde. Mas é o mesmo tipo de fome [...]

tanto no fato de representar uma subversão das leis e superação do medo, quanto no caráter de resgate do campo afetivo e sexual negado às aias e, como tal, conseqüentemente, um resgate do próprio corpo e sexualidade. Os encontros de ambos são descritos como intensos e apaixonados e, com ele, Offred rompe uma das camadas de alienação do próprio corpo. A superação do medo e aceitação do risco ocorre em função do desejo sexual já existente entre ambos, mas também devido ao respaldo de Serena, o qual representa uma segurança a mais para Offred, ainda que meramente simbólica.

Conforme ressaltado anteriormente, esse resgate não representa uma mudança nas estruturas de poder de Gilead. A retomada é individual, porém atua como quebra de dispositivos de poder disciplinar, de forma que, ao representar falhas nele, também representa possibilidade de operar outras mudanças, essas, sim, mais concretas na realidade material. Uma cena que representa bem a retomada da subjetividade é o momento em que Offred fala para Nick qual é seu nome verdadeiro. Isso simboliza a apropriação de sua própria identidade, seu nome, o primeiro aspecto identitário alienado das aias ao serem colocadas no Centro Vermelho.

Uma característica da distopia é o silenciamento daqueles que são oprimidos pelo sistema (PACHECO PADILLA, 2015). As vozes das aias não são ouvidas, não só por falta de protagonismo ou espaço, mas também em um sentido literal: elas abaixam a voz ao falar, falam apenas o necessário e segundo o discurso autorizado (cumprimentos ditados pela lei), murmuram e tem medo demais para se comunicar com qualquer outra pessoa. A retomada do corpo também passa pela fala, o que é marcado no livro tanto pela relação de Offred e Ofglen quanto pelo relacionamento com Nick. Em ambos os casos, ela ganha liberdade de discurso, no primeiro ao descobrir que Ofglen também resiste ao sistema, e no segundo devido ao risco que correm juntos e a confiança gerada a partir dele.

Ao fim do livro, conclui-se que a história é uma reconstrução feita pela personagem²⁴, após sua fuga de Gilead. A conferência no capítulo “Notas históricas” é um salto narrativo de dois séculos após Gilead, na qual é narrada uma palestrada por um historiador que havia encontrado fitas cassetes gravadas com a história de Offred. Nesse capítulo também é evidenciado o problema do silenciamento, uma vez que, enquanto historiador, o responsável

Você não pode controlar o que sente, disse Moira certa ocasião, mas pode controlar como se comporta.” Ver mais em: ATWOOD, Margaret. *O conto da aia*. Rio de Janeiro: Rocco, p. 231, 2017.

²⁴ “Também não aconteceu dessa maneira. Não tenho certeza de como aconteceu; não exatamente. Tudo o que posso ter esperança de conseguir é uma reconstrução.” Ver mais em: ATWOOD, Margaret. *O conto da aia*. Rio de Janeiro: Rocco, p. 311, 2017.

pela transcrição das fitas busca provas que o permitam fazer uma reconstrução histórica do que é narrado por Offred nas fitas.

O foco de sua história é mudado para uma perspectiva de análise histórica que se mostra mais interessada em estudar a sociedade de Gilead e o contexto histórico como um todo do que a narrativa de Offred propriamente. Apesar de continuar sob análises masculinas e tendo sua história invalidada, o último capítulo é importante, pois representa uma ruptura com o mecanismo de silenciamento em Gilead: a história de Offred é divulgada, contada e tornada pública, o que evidencia não só um processo de reconstrução subjetiva, mas também de resistência a um regime totalitário.

A retomada da subjetividade e, conseqüentemente, do corpo é, portanto, essencial para a resistência ao totalitarismo de Gilead. A conferência mostrada ao fim do livro evidencia a importância da memória para a construção histórica, mas também é uma maneira de desterritorializar a personagem, uma vez que a centraliza não só como protagonista da própria história, mas também como narradora, resgatando sua memória e, com isso, sua subjetividade.

4.2.1. Suicídio

Um dos aspectos marcantes da vigilância sobre as aias ressaltado anteriormente é o impedimento do suicídio. Ele não será abordado por um viés médico ou psicológico – apesar de ser impossível negar os efeitos do totalitarismo de Gilead na saúde mental das aias, um exemplo claro disso é Janine, que após sofrer uma série de violências e abusos é descrita como uma personagem que perdeu a sanidade ao ser submetida ao regime. Por outro lado, pode-se pensar o suicídio como uma maneira de escape da realidade totalitária, a última tentativa de retomada do corpo.

O ato de tirar a própria vida é descrito pela ideologia cristã como um pecado, uma vez que é uma atitude que atentaria diretamente contra o que se considera um dos maiores presentes de Deus aos seres humanos: a vida. Para os cristãos a vida é vista como um dom, uma dádiva divina pela qual se deve ser grato e a qual se deve honrar, servindo aos propósitos divinos, discurso similar ao utilizado no livro pelas Tias ao justificar a posição de uma aia – a capacidade reprodutiva é um presente divino e as mulheres que a tem devem utilizá-la para servir a Deus. O suposto serviço a Deus mascara, porém, as intenções materiais por trás da função da aia, a exploração da capacidade reprodutiva feminina para produção de trabalho para o Estado.

Apesar de pautado em ideais bíblicos, o suicídio em “O Conto da Aia” – assim como o trabalho como aia – ultrapassa a significação religiosa, que diferentemente do caso anterior, não mais é usada para estimular um comportamento, mas sim para coibi-lo. Enquanto o discurso

sobre ser aia objetiva o cumprimento da função, o discurso sobre suicídio, seguindo a ideologia cristã, o localiza como pecado. No entanto, como no primeiro caso, não se restringe a um discurso meramente religioso e adentra a esfera material. A morte de uma aia é, nesse sentido, uma perda material, perda de uma capacidade de trabalho valiosa para a sociedade de Gilead. O prejuízo material da morte de uma aia supera, portanto, o significado religioso do suicídio, de forma que o suicídio é um exemplo do uso da religiosidade para justificar discursos e práticas cujo objetivo na verdade é político e material.

A disciplina é centrípeta, isto é, ela circunscreve e organiza um espaço no interior do qual os corpos são sujeitos [...] Interessa à disciplina o corpo vivo e sendo potencializado cada vez mais, pois é dessa maneira que ele pode produzir mais mercadorias. O poder disciplinar, então, não é um poder de morte, mas um poder de vida, cuja função não é matar, mas opera a imposição da vida. (HILÁRIO, 2016, p. 199).

Ao descobrir que a aia anterior a si cometeu suicídio, Offred entende algumas intenções do Comandante: ele deseja que a vida dela seja suportável²⁵, de modo que não tente se suicidar também. O medo da perda da aia é nítido e as precauções tomadas para evitar sua morte vão desde proibir uso de facas nas refeições, até retirar lustre do quarto dela. Quando conversa com o Comandante sobre a frase encontrada no armário, *nolite te bastardes carborundorum*, Offred percebe o medo do Comandante e entende que pode utilizá-lo para seu próprio benefício. Dessa forma, além do significado inicial de contato com outra aia, apoio e esperança, citados anteriormente, o descobrimento da frase permite entender como o suicídio atua como um modo de gerar prejuízos e dano ao sistema.

O suicídio da aia e seus motivos não são abordados com profundidade no livro, porém é fato que sua morte foi considerada uma perda que deve ser evitada. Por outro lado, há também o suicídio de Ofglen como forma de fuga para não ser capturada pelos Olhos.

Ao ser descoberta, Offred se localiza em um limbo no qual se torna perigosa demais para ser uma aia – sua atuação como dissidente política a torna uma ameaça – e, ao mesmo tempo, pode ser útil para ser torturada a fim de extrair informações. A vida matável nas Colônias ou até mesmo na Casa de Jezebel ainda pressupõe um corpo que, apesar de descartável, tem alguma serventia para o Estado como produção de trabalho. No primeiro caso, realizando trabalho escravo, no segundo, pelo trabalho sexual clandestino. Em função de sua ligação com o Mayday, porém, podemos supor que o destino de Ofglen não seria o trabalho forçado (braçal ou sexual), mas sim a punição com morte no Muro, tornando-se parte do espetáculo punitivista

²⁵ – O senhor quer que minha vida seja suportável para mim – digo. Isso sai não como uma pergunta, mas como uma afirmação clara; clara e sem dimensão. Se minha vida for suportável; talvez o que eles estão fazendo seja correto no fim das contas [...] As coisas mudaram. Agora, tenho algo que posso usar para pressioná-lo e meu proveito. O que tenho para pressioná-lo é a possibilidade de minha morte.” ATWOOD, Margaret. *O conto da aia*. Rio de Janeiro: Rocco, p. 225, 2017.

segundo a lógica foucaultiana de fazer morrer (FOUCAULT, 1987). Além disso, por meio da análise da narração de Moira a respeito da tortura que sofreu ao ser capturada pelos Olhos, percebe-se o uso da tortura como instrumento coercivo para extração de informações sobre o movimento, de forma que, ser capturada corresponderia a um risco para todo o movimento.

O suicídio atua, portanto, como uma forma de retirar do Estado, representado pelos Olhos, e dos dispositivos de poder, a autoridade sobre o corpo e, inclusive, sobre a morte. A República de Gilead é fortemente marcada pelo controle biopolítico do corpo feminino que ocorre tanto pelo disciplinamento e inserção nas instituições do Estado como pelas práticas de morte. A protagonização da própria morte, ainda que como consequência das relações de poder e opressão, não pode ser chamada de resistência propriamente, mas por desterritorializar o fazer morrer ao deslocar seu agente e por atuar como gerador de prejuízo para o Estado, pode ser considerado uma forma de retirada do corpo das esferas do poder.

A análise do suicídio e de seu papel na narrativa é importante não por ser um ato de resistência – teorizá-lo dessa forma seria romantizar de maneira irresponsável um problema social sério – mas sim para compreendê-lo inscrito na sociedade totalitária como uma tentativa última e desesperada de escapar ao sistema e, no caso de Ofglen, que se estende além de motivações pessoais de escapismo, de proteger o grupo de resistência.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A crescente bifurcação entre a democracia e o capital é a nova ameaça para a civilização.

(Achille Mbembe)

A epígrafe acima foi retirada do artigo “A era do humanismo está terminando”, publicado originalmente na África do Sul, em 22 de dezembro de 2016, no qual o autor camaronês Achille Mbembe traça um panorama das tendências políticas e sociais mundiais, quase como uma reflexão de fim de ano a respeito do futuro incerto. Ele afirma que a disputa de forças se acirrará e aponta para o perigo do fim da própria política, cuja discussão será pautada pelo capital e não mais pela razão da era do humanismo;

Em um mundo centrado na objetivação de todos e de todo ser vivo em nome do lucro, a eliminação da política pelo capital é a ameaça real. A transformação da política em negócio coloca o risco da eliminação da própria possibilidade da política. (MBEMBE, 2017).

O século XXI aponta para mudanças estruturais, em um contexto mundial no qual a discussão política foge à lógica racional e sua disputa passa a colocar a própria civilização, nos moldes como a conhecemos, em risco, devido a uma, nas palavras de Mbembe (2017), “bifurcação entre a democracia e o capital”, apontando para a incompatibilidade entre a democracia liberal burguesa e o capital financeiro contemporâneo. Nesse contexto, cada vez menos ditado pela razão e cada vez mais por uma rede de paixões e afetos (MBEMBE, 2017), a literatura se mostra como uma forma de agenciar significados sobre a materialidade e, como forma de arte, movimentar e redirecionar afetos por meio desses agenciamentos.

Em “O Conto da Aia” as possibilidades de agenciar múltiplos sentidos são amplas e a ciência ficção, com os movimentos de cognição e estranhamento presentes no livro, é um recurso essencial para isso. A sociedade totalitária representada na obra é marcada pelo discurso religioso e estruturada para explorar mulheres e torna-se, por meio da leitura, espelho das relações materiais, tanto do contexto em que o livro foi escrito, nos anos 1980, quanto da atualidade, de forma que a ciência ficção se faz uma ferramenta importante de reflexão sobre a realidade. O livro aqui analisado aponta para reflexões a respeito de questões específicas, majoritariamente as que concernem as relações de sexo/gênero na sociedade e o totalitarismo religioso, no entanto, apesar de apresentar uma orientação específica, comprova a forma como a ciência ficção é um valioso recurso narrativo para agenciar sentidos sobre a realidade.

A adaptação para série televisiva, em 2017, desencadeou diversos debates sobre os assuntos abordados na trama. Algumas diferenças entre o livro e série podem ser notadas,

especialmente em relação ao desfecho da narrativa e o destino de muitos personagens, que se mostram diferente na série. Como é o caso de Moira e Ofglen, Emily, cujo nome é revelado na série, que conseguem fugir de Gilead e pedir abrigo político no Canadá; ou até mesmo o de Luke, que também é um refugiado político. Além disso, o nome de Offred também é revelado na série: June, o que torna o movimento de retomada da subjetividade ainda mais importante. Sua relação com o Nick também é mais explorada na série, de forma que é de fato narrada como um romance, dando complexidade a ambos. Outro ponto importante é que June engravida de Nick na série e, com a ajuda dele, de Serena, a Esposa do Comandante e das Marthas, consegue entregar sua filha a Emily para que ela fuja para o Canadá com a criança, enquanto June permanece em Gilead na tentativa de reencontrar a filha que teve com Luke antes do golpe.

É notório, portanto, como a série constrói a relação entre mulheres de forma diferente do livro. Na série, a relação de June com Serena é tão problemática e pautada por violências e relações desiguais de poder quanto no livro, no entanto, possivelmente como uma forma de se adequar ao discurso de solidariedade entre mulheres, presente no feminismo *mainstream* contemporâneo e, conseqüentemente, se aproximar mais do público, a série retrata alguns momentos de reconhecimento entre ambas, como quando Serena, ao descobrir que June está fugindo com sua filha, não a denuncia e lhe dá respaldo. Nessas cenas, há o reconhecimento mútuo de indivíduos pertencentes a mesma classe socialmente oprimida, ainda que inserida em uma hierarquia na qual a Esposa detém o controle sobre a aia.

Algumas diferenças podem ser ressaltadas entre a série e o livro, naturalmente derivadas da adaptação à plataforma audiovisual e ao contexto contemporâneo, que tornam a história mais próxima do leitor. Conforme explicado anteriormente, o livro não aborda a situação de pessoas racializadas em Gilead, e a série segue com a mesma configuração representativa, apenas com o deslocamento do apagamento da raça dos personagens para representação vazia do corpo negro.

Diferentemente do livro, que não explicita a existência de personagens negros, apagando-os, como foi explicado anteriormente, a série escala alguns atores negros para o elenco, sendo os mais importantes os que interpretam Moira, Luke e Rita, a Martha da casa onde Offred é alocada. No segundo capítulo havia sido levantada a possibilidade do extermínio de negros, pela referência bíblica aos “filhos de Cam”, no entanto, essa hipótese não se comprova ao tomar a série como exemplo, uma vez que há personagens negros. No entanto, o racismo continua a não ser pautado, corroborando para a representação racial vazia, de forma que os atores negros têm papel representativo, porém não têm sua raça pautada, como se ela não fosse relevante para a estrutura social de Gilead, apagando o racismo e impedindo possíveis

agenciamentos sobre raça e, até mesmo, reforçando o racismo estrutural contemporâneo por não o questionar.

Assim como raça, a série não se aprofunda em conflitos de classe, se restringindo a apontar diferenças entre a posição de mulheres, como apontado nos capítulos anteriores, e algumas diferenças sutis entre homens e o trabalho que desempenham dentro de Gilead. Ao retratar tanto a sociedade estadunidense antes do golpe quanto a canadense, ao mostrar as condições de vida dos refugiados, a classe também não é abordada com profundidade.

Como a série adapta a narrativa para a contemporaneidade, a situação de mulheres e de minorias antes do golpe institucional é mais próxima à realidade material do século XXI do que dos anos 1980. Portanto a representação de personagens LGBT também é diferente. No livro a única personagem lésbica é a Moira e isso é pautado brevemente, sem se aprofundar em detalhes ou abordar a maneira como sua vida em Gilead é atravessada por sua lesbianidade. Enquanto na série, Emily – Ofglen – também é construída como uma personagem lésbica, casada com outra mulher com quem tem um filho. Por ser adaptada para a realidade da contemporaneidade, o casamento homoafetivo já havia sido permitido nos EUA, bem como a dupla maternidade de uma criança.

Por meio da história de Emily, a série retrata a situação da população LGBT com mais minúcia, desde o processo de retirada de direitos, como invalidação do casamento e perseguição sofrida no ambiente de trabalho antes do golpe, até as condições de existência de LGBTs em Gilead. Na série, a esposa dela, por ser canadense, consegue fugir com seu filho para o Canadá enquanto o golpe estava em processo, porém, devido ao casamento LGBT ter sido invalidado, Emily é barrada no aeroporto. Ao contrário do que ocorre no livro, Emily não se suicida, mas é enviada para as Colônias após ser pega se relacionando com outra mulher, retornando depois para a casa de outro Comandante e, finalmente, conseguindo fugir de Gilead para o Canadá. Ao contrário do livro, a experiência da mulher lésbica na série é mais complexificada, abordando traumas e afetividade em Gilead, evidenciando a maneira como o corpo feminino, para além das problemáticas e violências específicas de gênero/sexo, também é atravessado por questões que concernem a sexualidade e construção afetiva não heteronormativa.

O estupro também é abordado de forma diferente na série. Emily, dissidente do regime e participante do *Mayday*, é retratada na série, assim como Moira e a mãe de June, como uma mulher ativista com consciência de sua localização na estrutura de Gilead. Ao longo de todo o livro, apesar de subentendido, a Cerimônia não é diretamente pautada como forma de estupro institucionalizado, ao contrário do que ocorre na série. Emily denuncia para outras aias as condições em que vivem, nomeia a Cerimônia como ato de estupro, o que permite ao

telespectador desterritorializar conceitos construídos no real, como o imaginário popular construindo sobre a impossibilidade de estupro dentro do casamento, uma vez que aborda uma situação em que o ato sexual é feito de forma compulsória, obrigatória, ainda que sem violência física coercitiva envolvida, desnaturalizando a ideia de estupro somente como prática que ocorre mediante violência ou força física.

Matthew D’Ancona, colunista do jornal “The Guardian”, escreveu um artigo de opinião sobre a série no final de 2017, no qual ele fala sobre a similaridade entre os acontecimentos na série e o primeiro ano de governo do presidente Donald Trump. Além de abordar o movimento global *#MeToo*²⁶ no qual mulheres denunciaram situações de abuso e violência. O movimento viralizou em redes sociais como Twitter, Facebook e Instagram com a hashtag (*#MeToo*) com contribuição de personalidades famosas como as atrizes Gwyneth Paltrow, Jennifer Lawrence e Uma Thurman, primeiro como forma de denúncia de assédio sexual, moral e agressões no ambiente de trabalho, depois para diversas violências misóginas. Em seu texto, D’Ancona analisa o impacto da série e a importância de sua mensagem no contexto político do governo de Trump.

Quando o livro surgiu pela primeira vez, em 1985, foi aclamado como um engenhoso exercício intelectual e, claro, aviso pessimista. O argumento de Atwood era que toda as práticas descritas na Gilead fictícia de fato estavam ocorrendo em algum lugar do mundo [...] Mas contexto é tudo. O que parecia uma história edificante na época, hoje parece mais um alarme ensurdecedor. Por quê? Porque o mundo de Offred, ainda que ficcional, passou de uma construção criativa para o âmbito do possível.²⁷ (D’ANCONA, 2017, tradução nossa).

Conforme explicado na introdução deste trabalho, o livro foi publicado em 1985, durante o governo do presidente Ronald Reagan. A terceira temporada da série foi lançada em junho de 2019 e, no início do ano foi lançado um *teaser*²⁸ da temporada – vídeo mais curto que um trailer utilizado para divulgação de conteúdo – que faz referência ao governo Reagan. No vídeo são mostradas Esposas felizes com bebês, enquanto outras mulheres trabalham nas Colônias, com uma narração em *off* de um discurso feito pelo presidente Reagan em 1984, no

²⁶ O movimento iniciado em redes sociais viralizou e inspirou a construção de uma rede de apoio a mulheres vítimas de violência. Para mais informações, ver o site do movimento: <<https://metoomvmt.org/>>.

²⁷ Texto Original “When the book first appeared in 1985, it was hailed as an ingenious thought-experiment and, of course, a bleak warning. Atwood’s point was that all the practices she described in fictional Gilead were actually taking place somewhere in the world [...] But context is all. What seemed a cautionary tale then feels more like a deafening klaxon now. Why? Because the ofOffred, though still notionally fiction, has migrated from creative construct to the realm of the thinkable.” Vermaison: D’ANCONA, Matthew. *The Handmaid’s Tale* held a mirror up to a year of Trump. **The Guardian**, 26 dez. 2017. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/commentisfree/2017/dec/26/the-handmaids-tale-year-trump-misogyny-metoo>>. Acesso em: 10 jun. 2019.

²⁸ HULU. *The Handmaid’s Tale: Season 3 Teaser* (Super Bowl Commercial). Vídeo (44 seg.). Produzido pelo Hulu, Site YouTube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=PuWg6AyzETg>>. Acesso em: 10 jun. 2019.

qual fala “É novamente manhã na América. Hoje, mais mulheres do que nunca, na história do nosso país, irão trabalhar. Este ano, dúzias de crianças nascerão em famílias felizes e saudáveis. É novamente manhã”. Percebe-se o diálogo entre o livro e a série, devido à importância dada ao contexto político da época da publicação, bem como relação entre a narrativa e a política, apontando para o fato de que o que é narrado no livro não está descolado da materialidade.

O portal brasileiro “M de Mulher”, voltado ao público feminino, publicou uma matéria escrita por Ligia Helena, em fevereiro de 2019, na qual ela traça correlações entre o que é mostrado na série e acontecimentos da história mundial, bem como reflexões sobre a contemporaneidade²⁹. Não se pretende emitir um juízo acadêmico sobre os tipos de agenciamentos feitos na matéria, mas sim mostrar que, por meio do contato com a obra, é possível significar a realidade material e refletir sobre suas estruturas. A matéria aborda episódios históricos como a ditadura argentina, holocausto e a ameaça ao direito de abordo nos Estados Unidos após a eleição de Donald Trump. A matéria mostra as múltiplas possibilidades de agenciamentos que podem ser feitas, desde reflexões sobre fatos da história mundial, até sobre acontecimentos da atualidade.

É possível afirmar, portanto, que a série e, conseqüentemente o livro cuja história a inspirou, realiza com sucesso o agenciamento e produção de significados abordado neste trabalho. Atwood (2017) afirma que uma de suas regras ao escrever o livro era que os eventos nele narrados já tivessem ocorrido em algum lugar na história do mundo, de forma que “não coloria eventos no livro que já não tivessem ocorrido no que James Joyce chamou de ‘pesadelo’ da história, ou qualquer tecnologia que ainda não estivesse disponível” (ATWOOD, 2017, tradução nossa),³⁰ o que contribui para o movimento de cognição essencial para a apreensão de significados proposta neste trabalho.

Desde a invenção dos tipos móveis por Gutemberg, o livro foi objeto importante em momentos críticos da história, desde a criação do Index durante a contra-reforma católica até as queimas de livros de Alemanha nazista e sua censura em regimes ditatoriais em todo o mundo, como a ditadura civil-militar brasileira. “O Conto da Aia” permite refletir sobre o lugar

²⁹ “A Independência, a Abolição da Escravatura, a Proclamação da República, a consolidação da democracia, a Constituinte de 1988, o casamento entre pessoas do mesmo sexo. Todo esse progresso parece estabelecido e sem chance de regredir. Mas ao olhar a história do mundo, fica fácil perceber que tudo pode, sim, mudar de uma hora para a outra.” Ver mais em: HELENA, Ligia. “The Handmaid’s Tale”: motivos para não perder a série no Globoplay. **M de mulher**, 12 fev. 2019. Disponível em: <<https://mdemulher.abril.com.br/cultura/the-handmaids-tale-o-conto-da-aia-margaret-atwood/>>. Acesso em: 10 jun. 2019.

³⁰ Texto Original “I would not put any events into the book that had not already happened in what James Joyce called the ‘nightmare’ of history, nor any technology not already available.” Ver mais em: ATWOOD, Margaret. Margaret Atwood on what “The Handmaid’s Tale” means in the age of Trump. **The New York Times**, 10 mar. 2017. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2017/03/10/books/review/margaret-atwood-handmaids-tale-age-of-trump.html?_r=1>. Acesso em: 10 jun. 2019.

do livro e da leitura como inspiração de resistência e seu potencial de motivar mudanças. Para além da potência da narrativa, há o potencial descentralizador e desterritorializador do livro enquanto objeto que permite e propulsiona reflexões sobre a materialidade. Historicamente visto como instrumento de produção de reflexões sobre a realidade e, conseqüentemente, propulsor de questionamentos sobre a sociedade, o livro carrega em si potencial de resistência essencial para tempos de crise

REFERÊNCIAS

- ATWOOD, Margaret. **O Conto da Aia**. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.
- _____. Margaret Atwood on what “the handmaid’s tale” means in the age of Trump. **The New York Times**, 10 mar. 2017. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2017/03/10/books/review/margaret-atwood-handmaids-tale-age-of-trump.html?_r=1>. Acesso em: 10 jun. 2019.
- BAROSSO, Luana. A Ciência ficção que nos olha e a dialética entre cognição e estranhamento. **Revista Abusões**, v. 5, n. 5, p. 7-35,. 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.12957/abusoes.2017.30273>>. Acesso em: 19 abr. 2019.
- _____. Lesdroides, transborgues, interaliens: personagens científico-ficcionais além das fembots. In: MITIDIÉRI, André Luis; CAMARGO, Flávio Pereira (Org.). **Literatura, homoerotismo e expressões homoculturais**. Ilhéus: Editus, 2015. p. 139-164. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/5j38w/pdf/mitidieri-9788574554426-06.pdf>>. Acesso em: 27 abr. 2019.
- BUTLER, Octavia. **Kindred**: laços de sangue. São Paulo: Morro Branco, 2017
- CARRIÈRE, Jean-Claude; ECO, Umberto. **Não contem com o fim do livro**. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- D’ANCONA, Matthew. The Handmaid’s Tale held a mirror up to a year of Trump. **The Guardian**, 26 dez. 2017. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/commentisfree/2017/dec/26/the-handmaids-tale-year-trump-misogyny-metoo>>. Acesso em: 10 jun. 2019.
- FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Elefante, 2017.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- _____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- _____. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1987.
- FREYTAS-TAMURA, Kimico de. George Orwell’s ‘1984’ is suddenly a best-seller. **The New York Times**, 25 jan. 2017. Disponível em:<<https://www.nytimes.com/2017/01/25/books/1984-george-orwell-donald-trump.html>>. Acesso em: 04 jun. 2019.
- GÊNESIS 30. In: **Bíblia on-line**. Disponível em:<<https://www.bibliaonline.com.br/gn/30>> Acesso em: 13 mai. 2019.
- GUEDES, Cíntia. Des(en)terrorar o corpo. **Revista DR**, n. 3, p. 40-45, set. 2016. Dossier: Mover/Situar: corpo, território, política... Disponível em: <<http://revistadr.com.br/posts/desenterrar-o-corpo/>>. Acesso em: 29 mai. 2019.
- HELENA, Ligia. The Handmaid’s tale: motivos para não perder a série no Globoplay. **M de Mulher**, São Paulo, 12 fev. 2019. Cultura. Disponível em:

<<https://mdemulher.abril.com.br/cultura/the-handmaids-tale-o-conto-da-aia-margaret-atwood/>>. Acesso em: 10 jun. 2019.

HILÁRIO, Leomir Cardoso. Da biopolítica à necropolítica: variações foucaultianas na periferia do capitalismo. **SapereAude**, Belo Horizonte, v. 7, n. 12, p. 194 - 210, jan. 2016. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/SapereAude/article/viewFile/P.2177-6342.2016v7n13p194/9735>>. Acesso em: 06 jun. 2019.

HULU. **The Handmaid's tale**:season 3 teaser (super bowl commercial). Produzido pelo Hulu, Site YouTube. Vídeo (44 seg.).Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=PuWg6AyzETg>>. Acesso em: 10 jun. 2019.

MATOS, Andityas. Utopias, distopias e o jogo da criação de mundos. **Revista da Universidade Federal de Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 24, n. 1/2, p. 40-59, 2017. Disponível em: <https://www.ufmg.br/revistaufmg/downloads/24/03_Andityas_Utopia_Distopia_pags_40a59_Revista_UFMG_24.pdf>. Acesso em: 02 mai. 2019.

MBEMBE, Achille. **A Era do humanismo está terminando**. São Leopoldo: IHU, Instituto Humanitas Unisinos, jan. 2017. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/186-noticias/noticias-2017/564255-achille-mbembe-a-era-do-humanismo-esta-terminando>>. Acesso em: 07 jun. 2019.

_____. Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte. **Arte & Ensaios**, Rio de Janeiro, n. 32, p. 122 - 151, 2016. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/8993/7169>>. Acesso em: 31 mai. 2019.

MICHAELIS. **Moderno dicionário brasileiro da língua portuguesa**. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/utopia>>. Acesso em: 02 mai. 2019.

PACHECO PADILLA, Vanessa. **Narrating a way out of dystopia**: voice in Margaret Atwood's the handmaid's tale. 2015. 277 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Inglesa) – Universidad de Costa Rica, San Jose, 2015. Disponível em: <<http://repositorio.sibdi.ucr.ac.cr:8080/jspui/bitstream/123456789/3063/2/Narrating%20a%20way%20out%20of%20distopia.pdf>>. Acesso em: 06 mai. 2019.

PARRINDER, Patrick. **Science Fiction**: it's criticism and teaching. Londres: Methuen, 1980.

RUBIN, Gayle. Pensando sobre sexo: notas para uma teoria radical da política da sexualidade. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 21, p. 1-88, 2003.

SUVIN, Darko. **Metamorphoses of science fiction**: on the poetics and history of literary genre. New Haven: Yale University Press, 1979.

_____. Um breve tratado sobre a distopia 2001. **Morus**: utopia e renascimento, Campinas, v. 10, p. 465 - 487. 2015. Disponível em: <<http://www.revistamorus.com.br/index.php/morus/article/view/255>>. Acesso em: 06 mai. 2019.